

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS

*André Gide | Witold Gombrowicz | Italo Calvino |
Albert Camus | Ethan Coen | Gianni Celati*
Direcção : Luísa Costa Gomes | Edição : Tinta Permanente

11

Pode colaborar com a *Ficções*, enviando os seus contos para: contos-leitores@ficcoes.net

O envio de contos supõe a autorização para a sua publicação, se seleccionados pela direcção da revista, na edição em papel ou na sua versão *online* no *site* www.ficcoes.net

A primeira página dos originais enviados deverá incluir um nome e e-mail para contactos.

Os pedidos de assinatura ou de números atrasados da revista devem ser enviados, acompanhados do respectivo cheque de pagamento, para:

Tinta Permanente
Av. Infante D. Henrique, 71
9500-150 Ponta Delgada

Poderá também fazer o seu pedido por e-mail, para:
assinaturas@ficcoes.net

Neste caso, deve fazer o seu pagamento através de depósito na conta nº 016001000036065000306, (indicando na transferência o seu nome e a menção “assinatura”).

Assinatura anual 2004 (3 números): 30 Euros

Assinatura 2 anos 2004/05 (6 números): 50 Euros

Números atrasados (cada):

Do nº 1 ao nº 6	6 Euros
Ano 2003	8 Euros
Ano 2004	10 Euros
Ficções de Humor	3,99 Euros

FICÇÕES

REVISTA DE CONTOS Nº 11
1º SEMESTRE DE 2005

Ficções

ficcoes@ficcoes.net

www.ficcoes.net

Direcção

Luísa Costa Gomes

Revisão tipográfica

Inês Fonseca Santos

Impressão

Manuel A. Pacheco, Lda— Lisboa

Distribuição

Sodilivros

Tiragem

1 800 exemplares

Depósito Legal

182179/02

Edição

Tinta Permanente

tintapermanente@mail.pt

Administração

Empresa de Palavras

Av. Igreja, 9 – 3º Esq.

1700-230 Lisboa

Tel. 296 628 135

© *Ficções* 2005

Índice

- 5 André Gide *O regresso do filho pródigo*
- 29 Witold Gombrowicz *Aventuras*
- 53 Italo Calvino *Os filhos madraços*
- 63 Albert Camus *A mulher adúltera*
- 89 Ethan Coen *Os rapazes*
- 107 Gianni Celati *Notícias aos navegantes*

André Gide

O regresso do filho pródigo

Tradução de Helena Faria

André Gide (1869-1951) nasceu em Paris a 22 de Novembro. O pai era professor de Direito e morreu quando Gide tinha 10 anos. A mãe educou-o no rigor dos valores protestantes. Antes do percurso escolar normal, que inicia aos sete anos, aprende música e tem lições de piano desde os quatro anos. Em 1887 torna-se amigo de Pierre Louys e, através dele, conhece Paul Valéry e Marcel Drouin. Feito com sucesso o exame de final de curso, em 1889, dedica-se à escrita. Anonimamente e a expensas suas, publica *Les Cahiers d'André Walter* (1891) e *Poésies d'André Walter* (1892). Contudo, *Le Traité du Narcisse* (também de 1892) surge já com o seu nome. Em 1893 viaja para o norte de África, onde se cura da tuberculose e aonde mais tarde voltará como a uma mítica pátria da liberdade. No ano de 1895 morre-lhe a mãe. Gide casa-se com uma prima, Madeleine Rondeaux. Dois anos mais tarde publica *Les Nourritures Terrestres*, que será livro de culto para várias gerações. Com Jacques Copeau, Jean Schlumberger e André Ruyters, funda em 1909 *La Nouvelle Revue Française*. É da colaboração com esta revista e sob a direcção de Gaston Gallimard que em 1912 surge *O Regresso do Filho Pródigo*. Em 1926 faz editar conjuntamente a autobiografia *Si le grain ne meurt* e o romance *Les Faux-Monnayeurs* (traduzido em português como *Os Falsos Moedeiros*) e que veio subverter as leis do género. Em 1946 é editado o seu último grande texto, *Thésée*; no ano seguinte é-lhe atribuído o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Oxford. Recebe ainda, em 1947, o prémio Nobel. Morre a 19 de Fevereiro de 1951 em Paris.

a Arbut Fontaine

Pintei aqui, para minha secreta alegria, como se fazia nos antigos trípticos, a parábola que Nosso Senhor Jesus Cristo nos contou. Deixando dispersa e dissimulada a dupla inspiração que me anima, não procuro provar a vitória de nenhum deus sobre mim – nem a minha. No entanto, talvez se o leitor exigir de mim alguma piedade, não a procuraria em vão na minha pintura onde, como um doador no canto do quadro, a par do filho pródigo me ajoelhei sorrindo-lhe e, ao mesmo tempo, com o rosto lavado em lágrimas.

O FILHO PRÓDIGO

Quando após uma longa ausência, cansado da sua fantasia e como que desapaixonado de si próprio, o filho pródigo, do fundo da pobreza que procurava, pensa no rosto do pai, com o espaçoso quarto onde a mãe à cabeceira se debruçava sobre ele, com o jardim embe-

bido de água corrente mas fechado e de onde sempre quisera evadir-se, com o ecónomo irmão mais velho de quem nunca gostou, mas que detém ainda, à espera, a parte dos bens que, pródigo, não pôde dilapidar – o filho reconhece que não encontrou a felicidade, nem mesmo soube prolongar por muito tempo essa embriaguez que, à falta de felicidade, ele procurava. – Ah! pensa ele, se o meu pai, primeiro irritado comigo, me julgou morto, talvez, apesar do meu pecado, rejubile por me voltar a ver; ah! regressando humildemente, de cabeça baixa e coberto de cinza, se, inclinando-me perante ele, lhe disser: “Meu pai, pequei contra o céu e contra ti”, que farei eu se, levantando-me com a sua mão, me disser: “Entra em casa, meu filho”?... E já o filho piedosamente se põe a caminho.

Quando em vez da colina avista finalmente o fumo nos telhados da casa, cai a tarde; mas ele espera as sombras da noite para cobrir um pouco a sua miséria. Ouve ao longe a voz do pai: os joelhos dobram-se; cai e cobre o rosto com as mãos, pois tem vergonha da sua vergonha, sabendo apesar de tudo que é o filho legítimo. Tem fome; numa dobra do manto em farrapos guarda apenas um punhado de bolotas de que se alimentava tal como os porcos que guardava. Vê os preparativos para o jantar. Distingue a mãe que assoma ao pátio... não consegue conter-se e desce a correr a colina e entra no pátio onde o cão lhe ladra sem o reconhecer. Quer falar com os criados, mas estes desconfiados afastam-se e vão prevenir o senhor; ei-lo que surge.

Ele esperava, sem dúvida, o filho pródigo pois reconhece-o de imediato. Os braços abrem-se; então o filho ajoelha-se diante dele e, escondendo a cara com um braço, clama, estendendo a mão direita para o perdão:

– Meu pai! meu pai, pequei gravemente contra o céu e contra ti; já não sou digno de que me chames; mas pelo menos, como um dos teus servos, o último deles, deixa-me viver num canto da nossa casa...

O pai levanta-o e ampara-o:

– Meu filho! Bendito o dia em que voltas para mim! – e a alegria que lhe transborda do coração, chora; ergue a cabeça da frente do filho que beijava, vira-se para os servos:

– Trazei a mais bela túnica; calçai-lhe sapatos, ponde no seu dedo um anel precioso. Procurai nos nossos estábulos o vitelo mais gordo, matai-o; preparai um banquete de alegria, pois o filho que eu dizia morto está vivo.

E como a notícia já se espalha, corre pois não quer deixar outro a dizer:

– Mãe, o filho que nós chorávamos foi-nos restituído.

A alegria de todos subindo como um cântico deixa o filho mais velho preocupado. Se toma lugar na mesa comum é porque o pai ao convidá-lo e ao conduzi-lo a isso o constrange. Só ele, entre os convivas, pois até o menor dos criados é convidado, mostra um semblante carregado: porquê honra maior para com o pecador arrependido do que para ele; ele mesmo, que nunca pecou? Prefere a boa ordem ao amor. Se consente em aparecer no banquete é porque, dando crédito ao irmão, pode emprestar-lhe alegria por uma noite; é também porque o pai e a mãe lhe prometeram morigerar o pródigo, no dia seguinte, e ele próprio se prepara para o admoestar seriamente.

As tochas fumegam para o céu. A refeição acabou. Os criados levantaram a mesa. Agora, na noite onde nem um sopro se levanta, a casa cansada, alma após

alma, vai adormecer. E contudo, no quarto ao lado do pródigo, sei de uma criança, o irmão mais novo que, toda a noite até de madrugada, tentará em vão dormir.

A REPRIMENDA DO PAI

Meu Deus, como uma criança ajoelho-me hoje diante de vós, o rosto lavado em lágrimas. Se relembro e aqui transcrevo a vossa parábola insistente, é porque eu sei quem era o vosso filho pródigo; é porque me revejo nele; é porque ouço em mim, e por vezes em segredo repito essas palavras que, do fundo do seu grande abandono, lhe fazeis clamar:

– Quantos mercenários de meu pai têm, na casa dele, pão em abundância e eu morro de fome!

Imagino o abraço do Pai; ao calor de um tal amor o meu coração funde. Imagino mesmo um abandono precedente; ah! imagino tudo o que se quiser. Acredito nisso; sou até aquele cujo coração bate quando, em vez da colina, revê os telhados azuis da casa que deixou. Que espero eu para me lançar a correr para casa; para entrar? – Esperam-me. Já vejo o vitelo gordo que preparam... Parem! não preparem tão depressa o banquete! – Filho pródigo, penso em ti; diz-me em primeiro lugar o que te disse o Pai, no dia seguinte, depois do banquete do regresso. Ah! Pai, apesar do que vos sopra o filho mais velho, possa eu, por vezes, escutar a vossa voz através das suas palavras!

– Meu filho, por que me deixaste?

– Ter-vos-ei verdadeiramente deixado? Pai! Não estais vós em toda a parte? Nunca deixei de vos amar.

– Não discutamos. Eu tinha uma casa que te encerrava. Fora construída para ti. Para que a tua alma nela pudesse encontrar um abrigo, um luxo digno dela, conforto, uma ocupação, nela trabalharam gerações. Tu, o herdeiro, o filho, porque te evadiste da Casa?

– Porque a Casa me encerrava. A Casa não sois Vós, meu Pai.

– Fui eu quem a construiu, e para ti.

– Ah! Foi o meu irmão e não Vós quem tal disse. Vós construístes toda a terra, e a Casa e o que não é a Casa. A Casa, outros que não Vós a construíram; em Vosso nome, eu sei, mas outros que não Vós.

– O homem tem necessidade de um tecto sob o qual repouse a cabeça. Orgulhoso! Pensas que podes dormir ao vento?

– É preciso orgulho para isso? Outros mais pobres que eu o fizeram.

– Isso são os pobres. Tu não és pobre. Ninguém pode abdicar da sua riqueza. Eu fiz-te rico entre todos.

– Meu pai, sabeis bem que ao partir levei comigo tudo o que podia das minhas riquezas. Que me importam os bens que não se pode levar consigo?

– Toda a fortuna que levaste gastaste-a à toa.

– Transformei o vosso ouro em prazeres, os vossos preceitos em fantasias, a minha castidade em poesia e a minha austeridade em desejos.

– Foi para isso que os teus pais ecónomos se dedicaram a destilar em ti tanta virtude?

– Talvez para que eu arda com uma chama mais bela, iluminado por um novo fervor.

– Pensa naquela chama pura que Moisés viu sobre a sarça sagrada: brilhava mas sem consumir-se.

- Conheci o amor que consome.
- O amor que eu quero ensinar-te é refrigério. Ao fim de pouco tempo, que te restou, filho pródigo?
- A lembrança desses prazeres.
- E a pobreza que os segue.
- Nessa pobreza senti-me perto de vós, Pai.
- Era precisa a miséria para te trazer de volta a mim?
- Não sei; não sei. Foi na aridez do deserto que melhor amei a minha sede.
- A tua miséria fez-te sentir melhor o preço das riquezas.
- Não, não foi isso. Não me entendeis, meu pai? O meu coração, vazio de tudo, encheu-se de amor. Pelo preço de todos os meus bens, tinha comprado o fervor.
- Eras, portanto, feliz longe de mim?
- Não me sentia longe de vós.
- Então o que é que te fez voltar? Fala.
- Não sei. Talvez a preguiça.
- A preguiça, meu filho! O quê!? Então não foi o amor?
- Pai, eu disse-vos, nunca vos amei tanto como no deserto. Mas estava farto de todos os dias ter de prover ao meu sustento. Em casa, pelo menos, come-se bem.
- Sim, os criados providenciam. Então, o que te trouxe de volta foi a fome.
- Talvez também a cobardia, a doença... Ao fim de algum tempo esta alimentação de acaso enfraqueceu-me; pois alimentava-me de frutos selvagens, de gafanhotos e de mel. Cada vez suportava pior o desconforto que no início atizava o meu fervor. À noite, quando tinha frio, pensava na minha cama que me esperava, aberta, em casa de meu pai; quando jejuava, pensava

que, em casa de meu pai, a abundância dos pratos servidos ultrapassava sempre a minha fome. Verguei; já não me sentia suficientemente corajoso, suficientemente forte para lutar mais tempo, e contudo...

– Então o vitelo gordo de ontem pareceu-te bom?

O filho pródigo lançou-se de rosto no chão a soluçar:

– Meu pai! meu pai! O gosto selvagem das bolotas, apesar de tudo, permanece na minha boca. Nada poderia apagar o seu sabor.

– Pobre filho! – retoma o pai que o ergue, – falei-te, talvez, de modo severo. O teu irmão assim o quis; aqui é ele quem dita a lei. Foi ele quem me encarregou de te dizer: “Fora da Casa, não há salvação para ti”. Mas escuta: fui eu que te formei; o que está em ti, conheço-o; eu sei o que te atraía para os caminhos; eu esperava-te no final. Se me tivesses chamado... eu estava lá.

– Meu pai! Podia então ter-vos encontrado sem regressar?...

– Se te sentiste fraco fizeste bem em regressar. Agora vai; vai para o quarto que mandei preparar para ti. Basta por hoje; repousa; amanhã poderás falar com o teu irmão.

A REPRIMENDA DO IRMÃO MAIS VELHO

O filho pródigo tenta primeiro falar-lhe com altivez.

– Meu irmão, começa ele, nós não somos muito parecidos. Meu irmão, nós não nos parecemos.

O irmão mais velho:

– É culpa tua.

– Porquê minha?

– Porque eu estou dentro da ordem; tudo o que dela se distinga é fruto ou semente de orgulho.

– Não me posso distinguir senão pelos defeitos?

– Não chames qualidade senão ao que te conduz à ordem, e tudo o mais, redu-lo.

– É essa mutilação que eu temo. Também isto, que tu vais suprimir, vem do Pai.

– Eh! não é suprimir: é reduzir, já te disse.

– Percebo-te bem. Foi exactamente assim que reduzi as minhas virtudes.

– É também por isso que agora as encontro. É preciso que as exageres. Vê se percebes: não é uma diminuição, é uma exaltação de ti que proponho, onde os mais diversos, os mais insubordinados elementos da tua carne e do teu espírito devem convergir sinfonicamente, em que o pior de ti deve alimentar o melhor, em que o melhor deve submeter-se a...

– Era também uma exaltação que eu procurava, que eu encontrava no deserto – e talvez não muito diferente daquela que tu me propões.

– Para dizer a verdade, era impôr-ta o que eu queria.

– O nosso Pai não falava de modo tão duro.

– Eu sei o que te disse o Pai. É vago. Ele não se explica muito claramente; de modo que se lhe faz dizer o que se quiser. Mas eu conheço bem o seu pensamento. Junto dos criados continuo a ser o seu único intérprete e quem quiser compreender o Pai deve escutar-me.

– Entendia-o muito facilmente sem ti.

– Parecia-te; mas compreendias mal. Não há várias maneiras de compreender o Pai; não há várias maneiras de o escutar. Não há diferentes maneiras de o amar; para que estejamos unidos no seu amor.

– Na sua Casa.

– Esse amor a ela conduz; tu percebe-lo bem pois que estás de volta. Agora diz-me: o que é que te levou a partir?

– Sentia demasiado que a Casa não é todo o universo. Eu próprio não estou todo inteiro naquele que queriam que eu fosse. Faltava, sem mesmo querê-lo, outras culturas, outras terras, e outros caminhos para correr, caminhos não traçados; imaginava em mim o novo ser que eu sentia lançar-se neles. Evadi-me.

– Pensa no que teria acontecido se eu tivesse, como tu, abandonado a Casa do Pai. Os criados e os bandidos teriam pilhado todos os nossos bens.

– Pouco me importava, pois entrevia outros bens...

– Como o teu orgulho se exagerava. Meu irmão, a indisciplina acabou. De que caos o homem saiu, aprendê-lo-ás se ainda o não sabes. Não se desprendeu totalmente e volta a cair com toda a sua ingenuidade sempre o Espírito o não ajude a elevar-se. Não o aprendas à tua custa: os elementos bem ordenados que te compõem esperam apenas uma aquiescência, um enfraquecimento da tua parte para regressar à anarquia... Mas o que tu nunca saberás é quanto tempo foi necessário ao homem para elaborar o homem. Agora que obtivemos o modelo agarremo-lo. “Agarra bem o que tens”, disse o Espírito ao Anjo da Igreja*, e acrescentou: “a fim de que ninguém tome a tua coroa”. *O que tu tens* é a tua coroa, é esta soberania sobre os outros e sobre ti próprio. A tua coroa, o usurpador espia-a; ele está em todo o lado: roda à tua volta e em ti. Agarra bem, meu irmão! Agarra bem.

– Já há demasiado tempo que abri mão, já não posso voltar a fechar nela os meus bens.

– Sim, sim; ajudar-te-ei. Eu velei por esses bens durante a tua ausência.

– E além disso eu conheço essa palavra do Espírito; tu não a citaste completamente.

– De facto, continua assim: “Aquele que vencer, farei dele uma coluna no templo do meu Deus, e de lá não sairá nunca”.

– “Não sairá nunca”. É precisamente isso que me faz medo.

– É para seu bem.

– Oh! Bem percebo. Mas nesse templo, eu estava lá...

– Sentiste-te mal por sair já que quiseste voltar a entrar.

– Eu sei; eu sei. Eis-me de volta; admito.

– Que bem podes tu procurar alhures que não encontres aqui em abundância? Ou melhor; é aqui somente que estão os teus bens.

– Eu sei que me guardaste riquezas.

– Aqueles dos teus bens que tu não dilapidaste, ou seja, aquela parte que nos é comum a todos: os bens fundiários.

– Não possuo então nada mais de meu?

– Sim; uma parte especial das doações que o nosso Pai talvez ainda consinta fazer-te.

– É só isso que me interessa; consinto em não possuir senão isso.

– Orgulhoso! Tu não serás consultado. Aqui entre nós essa é a parte arriscada; aconselho-te antes a renunciar. Essa parte das doações pessoais, foi ela que te perdeu; foram esses bens que tu dilapidaste imediatamente.

– Os outros não os podia levar comigo.

– Por isso vais reencontrá-los intactos. Já chega por hoje. Entra no repouso da Casa.

– Ainda bem porque estou cansado.

– Então, bendito seja o teu cansaço! Agora dorme. Amanhã a mãe falar-te-á.

* Apoc., III, 2.

A MÃE

Pródigo filho, cujo espírito ainda se insurge contra as palavras do teu irmão, deixa agora falar o teu coração. Como é bom, reclinado aos pés da tua mãe sentada, a fronte escondida nos seus joelhos, sentir a sua mão carinhosa inclinar a tua nuca rebelde!

– Porque me deixaste tanto tempo?

E como tu não respondes senão com lágrimas:

– Porquê chorar agora, meu filho? Foste-me restituído. À tua espera verti todas as minhas lágrimas.

– Ainda me esperáveis?

– Nunca deixei de te esperar. Todas as noites, antes de adormecer, pensava: se ele voltar esta noite, conseguirá abrir a porta? E demorava muito a adormecer. Todas as manhãs, antes de despertar completamente, pensava: Será hoje que ele volta? Depois rezava. Rezei tanto que tinhas mesmo de voltar.

– As vossas orações forçaram o meu regresso.

– Não sorrias de mim, meu filho.

– Oh mãe! Volto para vós muito humilde. Vede como ponho a minha cara mais baixo que o vosso coração! Não há um só dos meus pensamentos de ontem que hoje se não tenha tornado vão. Perto de vós, mal percebo por que saí de casa.

- Não voltarás a partir?
- Já não posso partir.
- Que te atraía então lá fora?
- Não quero pensar mais nisso: nada... Eu próprio.
- Mas então pensavas ser feliz longe de nós?
- Eu não procurava a felicidade.
- Que procuravas tu?
- Procurava... quem eu era.
- Oh! filho dos teus pais e irmão entre os teus irmãos.
- Eu não era semelhante aos meus irmãos. Não falemos mais disso; eis-me de volta.
- Sim; falemos mais: não creias os teus irmãos assim tão diferentes de ti.
- A partir de agora, a minha única preocupação é ser como vós.
- Dizes isso como que resignado.
- Nada é mais cansativo do que realizar a sua dissemelhança. Esta viagem, no final, esgotou-me.
- Na verdade, envelheceste muito.
- Sofri.
- Meu pobre filho! A tua cama não era, com certeza, feita todos os dias, nem a mesa era posta para as tuas refeições?
- Eu comia o que encontrava e muitas vezes era apenas fruta verde, ou estragada, de que a minha fome fazia alimento.
- Pelo menos não passaste fome?
- O sol do pino do dia, o vento frio do coração da noite, a areia vacilante do deserto, os espinheiros onde os meus pés se ensanguentavam, nada disso me fez parar, mas – não o disse a meu irmão – tive de servir...

– Porquê tê-lo ocultado?

– Foi a maus senhores que maltratavam o meu corpo, exasperavam o meu orgulho, e mal me davam de comer. Então pensei: Ah! Servir por servir!... Em sonhos revi a casa; e voltei.

O filho pródigo baixa de novo a cabeça que a mãe ternamente acaricia.

– E agora, que farás?

– Eu disse-vos: vou tentar parecer-me com o meu irmão mais velho; reger os nossos bens; tomar mulher, como ele...

– Pensas em alguém, certamente, quando dizes isso.

– Oh! Não interessa qual seja a preferida desde que sejais vós a escolhê-la. Fazei tal como fizestes para o meu irmão.

– Quisera escolhê-la segundo o teu coração.

– Não importa! O meu coração tinha escolhido. Abdico de um orgulho que me levou para longe de vós. Guiai a minha escolha. Juro que me submeto. Igualmente submeterei os meus filhos; assim, a minha tentativa já não me parecerá vã.

– Escuta; há uma criança de que te poderias ocupar já.

– Que quereis dizer, e de quem falais?

– Do teu irmão mais novo, que nem dez anos tinha quando tu partiste, que tu mal reconheceste e contudo...

– Acabai, mãe; com que vos inquietais agora?

– E em quem te terias podido reconhecer, pois ele é muito parecido com o que tu eras ao partir.

– Parecido comigo?

– Com aquele que tu eras, não ainda com aquele em que te tornaste.

– Em que ele se tornará.

– Em que é preciso fazer com que se torne já. Fala com ele; a ti, pródigo, escutar-te-á, certamente. Conta-lhe das desilusões do caminho; poupa-lhe...

– Mas o que é que vos faz ficar assim alarmada com o meu irmão? Apenas a afinidade dos traços...

– Não, não; a semelhança entre vós é mais profunda. De momento inquieta-me nele aquilo que no início em ti não me inquietava o bastante. Lê demasiado, e nem sempre prefere os bons livros.

– Então é só isso?

– Está muitas vezes encavalitado no ponto mais alto do jardim, de onde se pode ver a terra, sabes, por cima dos muros.

– Lembro-me disso. E é tudo?

– Está muito menos vezes ao pé de nós do que na quinta.

– Ah! que faz ele por lá?

– Nada de mal. Mas não é com os rendeiros, é com os patifes mais afastados de nós que ele se dá, e com aqueles que não são da terra. Há um, especialmente, que vem de longe e que lhe conta umas histórias.

– Ah! o porqueiro.

– Sim. Tu conhecia-lo?... Para o escutar, o teu irmão segue-o todas as noites até às pocilgas; e só volta ao jantar, sem apetite e com as roupas a cheirar mal. As censuras nada fazem; ele fecha-se, se o contrariamos. Certas manhãs, de madrugada, antes que algum de nós esteja levantado, corre a acompanhá-lo até ao portão quando o porqueiro sai a pastar o seu rebanho.

– Mas ele sabe que não deve sair.

– Também tu sabias. Tenho a certeza de que um dia me escapará. Um dia partirá...

– Não, eu falarei com ele, mãe. Não vos alarmeis.

– Sei que de ti ouvirá muitas coisas. Viste como te olhava na primeira noite? Que prestígio cobria os teus farrapos! E depois o manto púrpura com que o pai te cobriu. Receio que no seu espírito ele misture um pouco ambos e que aquilo que o atrai não sejam tanto os andrajos. Mas, agora, este pensamento parece-me louco; pois se tu, meu filho, tivesses podido prever tanta miséria, não nos terias deixado, não é?

– Já não sei como pude deixar-vos, a vós, minha mãe.

– Ora bem! Diz-lhe tudo isso.

– Tudo isso lhe direi amanhã à noite. Beijai-me agora a fronte tal como quando eu era pequeno e vós ficáveis a ver-me adormecer. Tenho sono.

– Vai dormir. Eu vou rezar por todos vós.

DIÁLOGO COM O IRMÃO MAIS NOVO

É, ao lado do quarto do pródigo, uma câmara nada estreita e de paredes nuas. O pródigo, de candeia na mão, avança junto à cama onde o irmão mais novo repousa, com a cara virada para a parede. Começa em voz baixa, para que, se a criança estiver a dormir, não perturbar o seu sono.

– Gostava de te falar, meu irmão.

– Que te impede?

– Julguei que dormias.

– Não é preciso dormir para sonhar.

– Sonhavas; e com quê?

– Não te interessa! Se nem eu compreendo os meus sonhos, acho que não és tu quem mos vai explicar.

– São então muito subtis? Se mos contasses, tentaria.

– Os teus sonhos, és tu que os escolhes? Os meus são aquilo que eles querem, e mais livres do que eu... Que vens aqui fazer? Porquê incomodar-me quando durmo?

– Tu não estás a dormir e eu venho falar contigo calmamente.

– Que tens para me dizer?

– Nada, se me falas nesse tom.

– Então adeus.

O príndigo vai até à porta mas pouosa no chão a candeia que mal ilumina o quarto, depois, dando meia volta, senta-se na beira da cama e, na sombra, acaricia demoradamente a cabeça da criança voltada para a parede.

– Tu és ainda mais severo comigo do que eu alguma vez fui para o teu irmão. E olha que eu também protestava contra ele.

A criança rebelde endireitou-se bruscamente.

– Diz-me: é o irmão quem te manda aqui?

– Não, pequeno; ele não, a nossa mãe.

– Ah! Não terias vindo por ti próprio.

– Mas venho como amigo.

– Meio erguido na cama, a criança olha fixamente o príndigo.

– Como saberia algum dos meus ser meu amigo?

– Enganas-te sobre o nosso irmão...

– Não me fales dele! Odeio-o... O meu coração irrita-se contra ele. Ele é a causa de eu te ter respondido de modo tão duro.

– Como assim?

– Tu não compreenderias.

– Mas diz...

O pródigo embala o irmão ao seu peito, e logo o jovem adolescente se abandona:

– Na noite do teu regresso, não consegui dormir. Toda a noite pensei: eu tinha um outro irmão e não o sabia... Foi por isso que o meu coração bateu tão forte, quando, no pátio da casa, te vi avançar coberto de glória.

– Infelizmente estava era coberto de farrapos.

– Sim, eu vi-te; mas já glorioso. E vi o que o nosso pai fez: pôs no teu dedo um anel, um anel como o nosso irmão não tem. Não queria falar com ninguém sobre ti; apenas sabia que vinhas de muito longe, e o teu olhar, à mesa...

– Tu estavas no banquete?

– Oh! sei muito bem que não me viste; durante toda a refeição olhavas o longe sem nada ver. Que na segunda noite tenhas ido falar com o pai, está bem, mas na terceira...

– Acaba.

– Ah! poderias ter-me dito nem que fosse só uma palavra de amor!

– Então esperavas-me?

– E de que maneira! Pensas que eu odiaria a este ponto o nosso irmão se tu não tivesses ido conversar tanto tempo com ele naquela noite? Que poderiam dizer um ao outro? Sabes bem que, se te pareces comigo, não podes ter nada em comum com ele.

– Eu estava em falta grave para com ele.

– Como é isso possível?

– Pelo menos para com o nosso pai e a nossa mãe. Sabes que eu fugi de casa.

– Sim, eu sei. Há muito tempo, não é?

– Mais ou menos quando tinha a tua idade.

– Ah!... E é a isso que tu chamas estar em falta?

– Sim, foi essa a minha falta, o meu pecado.

– Quando partiste sentias que fazias mal?

– Não; sentia em mim como que uma obrigação de partir.

– O que se passou depois para mudar a tua verdade de então em erro?

– Sofri.

– E é isso que te faz dizer: estava errado?

– Não, não exactamente: foi isso que me fez reflectir.

– Então, antes não tinhas reflectido.

– Sim, mas a minha razão débil deixou-se subjugar pelos meus desejos.

– Como mais tarde pelo sofrimento. De modo que, hoje, voltas... vencido.

– Não, não exactamente; resignado.

– Enfim, renunciaste a ser aquele que querias ser.

– Que o meu orgulho me persuadia que eu era.

A criança permanece um instante em silêncio, depois bruscamente soluça e grita:

– Meu irmão! Eu sou aquele que tu eras ao partir. Oh! Diz-me: não encontraste senão desilusões no teu caminho? Tudo o que eu pressinto lá fora, diferente disto, é apenas miragem? E tudo o que eu sinto em mim de novo, é também só loucura? Diz-me: o que é que tu encontraste de desesperante no teu caminho? Oh! o que é que te fez regressar?

– A liberdade que eu procurava, perdi-a; cativo, tive de servir.

– Eu aqui sou cativo.

– Sim, mas servi maus senhores; aqui, aqueles que tu serves são teus pais.

– Ah! servir por servir, não se tem ao menos a liberdade de escolher a sua servidão?

– Era o que eu esperava. Tão longe quanto os meus pés me levaram, andei; como Saúl à procura das suas burras assim eu perseguindo o meu desejo; mas, onde um reino o esperava a ele, foi a miséria que encontrei. E no entanto...

– Não te enganaste no caminho?

– Andei sempre em frente.

– Tens a certeza? No entanto há outros reinos, ainda, e terras sem rei, por descobrir.

– Quem te disse?

– Eu sei. Sinto-o. Até me parece que já neles domino.

– Orgulhoso!

– Ah! ah! isso foi o que o nosso irmão te disse. Porque é que tu mo repetes agora? Porque não mantiveste esse orgulho? Não terias voltado.

– Então não poderia ter-te conhecido.

– Sim, sim, lá longe onde me teria juntado a ti, ter-me-ias reconhecido como teu irmão; parece que é mesmo para te encontrar que parto.

– Que partes?

– Não percebeste? Não és tu mesmo que me encorajas a partir?

– Queria poupar-te o regresso; mas poupando-te a partida.

– Não, não me digas isso; não, não é isso que tu queres dizer. Também tu partiste como um conquistador, não foi?

– E foi o que me fez parecer mais dura a servidão.
– Então, por que te submeteste? Já estavas assim tão cansado?

– Não, ainda não; mas duvidei.

– Que queres dizer?

– Duvidei de tudo, de mim; quis parar, enfim, ligar-me em qualquer lado; o conforto que esse senhor me prometia tentou-me... sim, agora sinto-o bem; falhei.

O pródigo inclina a cabeça e esconde o seu rosto nas mãos.

– Mas no início?

– Andei muito pela grande terra indómita.

– O deserto?

– Não é sempre o deserto.

– Que procuravas tu?

– Eu próprio já não o compreendo.

– Levanta-te da minha cama. Olha aí, perto da mesa, à cabeceira, junto desse livro rasgado.

– Vejo uma romã aberta.

– Foi o porqueiro que a trouxe uma noite, depois de ter estado ausente três dias.

– Sim, é uma romã selvagem.

– Eu sei; é de uma acidez quase insuportável; sinto no entanto que, se tivesse bastante sede, mordê-la-ia.

– Ah, agora já te posso dizer: é essa sede que eu procurava no deserto.

– Uma sede que só este fruto que não é doce sacia...

– Não; mas é preciso amar essa sede.

– Tu sabes onde colhê-lo?

– É um pequeno pomar abandonado, aonde se chega antes da noite. Nenhum muro o separa do deserto.

Por lá corria um regato; alguns frutos quase maduros pendiam dos ramos.

– Que frutos?

– Os mesmos do nosso jardim mas selvagens. Todo o dia tinha feito imenso calor.

– Ouve: sabes porque te esperava esta noite? É antes do fim da noite que eu parto. Esta noite; esta noite, assim que ela empalidecer... cingi os meus rins, esta noite fiquei de sandálias.

– O quê? Aquilo que eu não pude fazer, fá-lo-ás tu?

– Tu abriste-me o caminho, e pensar em ti dar-me-á força.

– Cabe-me admirar-te; a ti, pelo contrário, cabe-te esquecer-me. Que vais levar contigo?

– Bem sabes que, como filho mais novo, não tomo parte na herança. Parto sem nada.

– É melhor.

– Que estás tu a olhar da janela?

– O jardim onde estão deitados os nossos parentes mortos.

– Meu irmão... (e a criança, que se levantou da cama, pousa, à volta do pescoço do pródigo, o braço que se torna tão suave como a sua voz) – Parte comigo.

– Deixa-me! Deixa-me! Eu fico para consolar a nossa mãe. Sem mim tu serás mais valente. Já está na hora. O céu empalideceu. Parte sem ruído. Vamos! Abraça-me meu jovem irmão, tu levas contigo todas as minhas esperanças. Sê forte; esquece-nos. Possas tu não voltar... Desce devagarinho. Eu seguro a candeia...

– Ah! dá-me a mão até à porta.

– Cuidado com os degraus do patamar...

Witold Gombrowicz

Aventuras

Tradução de Maria Cristina Fernandes da Silva

Witold Gombrowicz (1904-1969) nasceu filho de rico proprietário rural, em Maloszyce, perto de Opatow, na Polónia e morreu em Vence, no Sul de França. Prosador, dramaturgo e ensaísta, Gombrowicz estudou Direito na Universidade de Varsóvia e Filosofia e Economia em Paris. Em 1933 publicou *Memórias do tempo da imaturidade*, uma colectânea de contos na qual se inclui este *Aventuras*. Quatro anos mais tarde é publicado o seu primeiro romance, *Ferdydurke*, que aborda temas presentes nas suas obras posteriores, como o problema da imaturidade e da juventude, as máscaras utilizadas pelo indivíduo nas suas relações com os outros, o carácter opressivo da sociedade e da cultura, sobretudo a polaca, nobiliárquica, católica e provinciana. A reacção da crítica a *Ferdydurke* foi violenta, os leitores dividiram-se em defensores e inimigos de Gombrowicz. Em 1938 veio a lume a sua primeira peça de teatro, *Ivone, Princesa da Borgonha*, que passou despercebida. Um mês antes da eclosão da 2ª Guerra Mundial, Gombrowicz emigra para a Argentina onde viverá 23 anos. Em 1965 passou a residir com a mulher em França. Conhece alguma notoriedade nos anos sessenta, depois da publicação das edições francesas de dois romances, *A Pornografia* e *O Cosmos*, e dos *Diários*, considerados as suas obras mais importantes.

Em 1930, no mês de Setembro, quando navegava para o Cairo, caí no Mediterrâneo. Caí com enorme estardalhaço porque o mar estava liso, sem nenhuma onda a enrugá-lo. No entanto, só se aperceberam da minha queda no minuto seguinte, já o navio se tinha afastado um quilómetro e meio, e quando finalmente conseguiram virá-lo e dirigi-lo na minha direcção, o capitão, febril, imprimiu-lhe tal velocidade que o colosso ultrapassou com ímpeto o sítio em que eu me engasgava com a água salgada. Tornaram a virá-lo e a apontá-lo para mim, mas também desta vez, tendo-me ultrapassado com a velocidade de um comboio, parou demasiado longe. A manobra foi repetida aí umas dez vezes com extraordinária obstinação. Entretanto aproximou-se um grande iate privado a vapor que me recolheu a bordo. Perante isto, o meu navio, *L'Orient*, prosseguiu a sua rota.

O proprietário do iate, que era também o respectivo capitão, ordenou que me atassem e me atirassem

para um cubículo do porão porque mudando ele de sapatos à minha frente não pude disfarçar a minha surpresa ao ver os seus pés brancos. Embora tivesse a cara branca, eu teria apostado que os seus pés eram pretos como tições – quando afinal eram completamente brancos! Em consequência disso, passou a votar-me um ódio sem limites, ao aperceber-se de que eu tinha descoberto o seu segredo fisiológico que ninguém mais no mundo para além de mim poderia adivinhar, isto é, que era um negro branco (de resto, a bem dizer, toda esta questão não passou de um pretexto). Durante os oito meses seguintes navegou sem cessar, sempre em frente, a direito, por diversos mares, parando apenas para se abastecer de combustível – e deleitando-se durante todo esse tempo com o domínio ilimitado da sua vontade sobre mim, enclausurado num cubículo escuro e sempre à sua disposição.

É claro que qualquer ódio tinha fatalmente de se perder na imensidão dessa vontade sem medida – e se mesmo assim me entregou a uma morte cruel, fê-lo menos para meu sofrimento do que para seu próprio prazer. Tramou demoradamente a maneira de, por meu intermédio, viver emoções que sozinho nunca teria ousado experimentar, tal como aquela inglesa que colocava uma minhoca dentro de uma caixa de fósforos e a atirava às cataratas do Niágara. E quando por fim me conduziram ao convés, para além de medo senti saudade, pena, gratidão: tive de facto de reconhecer que o tipo de morte que ele tinha congeminado para mim era quase idêntico ao que eu tinha imaginado, ou sonhado, outrora, na minha tenra infância. Com recurso a instrumentos propositalmente adquiridos que me abstenho de descrever,

logrou-se o feito sobremaneira difícil de me colocar dentro de um balão de vidro, com a forma de um enorme ovo, suficientemente grande para poder mexer livremente as mãos e os pés, e demasiado pequeno para poder mudar a minha posição horizontal.

O vidro tinha uma espessura de cerca de 3 cm. Não havia qualquer imperfeição ou junta em toda a sua superfície. Apenas num sítio tinha sido aberto um orifício que deixava entrar o ar. Pegai num enorme ovo e perfurai-o com uma agulha: eis o tipo de ovo em que me encontrava e onde tinha tanto espaço como um embrião de pintainho.

O Negro mostrou-me então o mapa do Oceano Atlântico e indicou-me a posição do barco: estávamos mais ou menos no meio do oceano, entre a Espanha e o norte do México. É por aí que passa, vinda da América na direcção do Canal da Mancha e das margens setentrionais da Inglaterra e da Escandinávia, a poderosa Corrente do Golfo. Ora no mapa vê-se que a uma distância de mil milhas da Europa, a Corrente do Golfo se divide: o seu ramo sul vira para baixo, à direita, e torna-se na Corrente das Canárias, que por sua vez vira de novo à direita (ou antes à esquerda no mapa) sob o nome de Corrente Equatorial, passando algures perto da Senegâmbia; por sua vez a Corrente Equatorial vira à direita (ou para cima) sob o nome de Corrente das Antilhas, e esta, virando outra vez à direita, junta-se à Corrente do Golfo, recomeçando tudo do princípio. Desta maneira, estas correntes formam um círculo fechado com 1500 a 2000 quilómetros de diâmetro. Se do convés do nosso barco tivésseis atirado um pedaço de madeira, podeis ter a certeza de que passados seis

meses, ou um ano, ou talvez três, as águas revoltas o voltariam a trazer, de oeste, até ao mesmo sítio de onde fora arrastado para leste.

– Vamos atirar-te ao mar neste balão de vidro – eis em resumo o que me disse o Negro. – Nenhuma tempestade te afogará. Levas contigo um pacote de três mil cubos de caldo de carne; ou seja, se chupares um cubo por dia tens comida para dez anos; tens também um aparelho pequeno mas infalível para filtrar a água... De resto, água não te faltará; disporás dela em abundância no teu incessante e involuntário balanço, ora sobre as ondas, ora debaixo delas, a rodar, a rodar, durante uma década; e quando finalmente morreres por falta de cubos de caldo de carne, o teu cadáver continuará a girar ao longo do itinerário traçado, sempre à roda, sempre à roda, sempre à roda.

Atiraram-me ao mar. O ovo começou por mergulhar muito fundo, depois voltou à superfície... Uma onda que se aproximava (o dia estava ventoso, o céu encoberto, a superfície das águas em contínuo e crescente movimento abria sulcos profundos) apanhou-me na sua crista esverdeada e espumosa e durante um breve momento carregou-me pesadamente, para depois, erguendo-me à sua frente, me precipitar com estrépito no turbilhão. Debaixo de água tudo estava calmo, verde. Mal tinha voltado a avistar os céus turvos e indistintos, qual dedo de Deus sobre mim, quando uma muralha de água vertical me empurrou para os abismos dos remoinhos, desta vez pelo menos por um minuto. A terceira onda carregou suavemente o balão durante bastante tempo: ultrapassou-me, deixei-me escorregar pela encosta fugidia e encontrei um pouco de sossego no vale. Mas seguiu-se

uma quarta onda, e uma quinta, e uma sexta. E então quando veio a tempestade! Gigantes curvados, monstros corcundas elevavam-me a cumes enfurecidos para depois me afundarem em precipícios! E nem se punha a hipótese de me poderem afogar. O barco do Negro seguiu-me algumas duas semanas, até que por fim, decerto cansado e farto, se afastou.

Conforme as instruções recebidas, chupava todos os dias um cubo de caldo de carne e bebericava água filtrada que extraía por um tubo de borracha. Assim me foi dado matar a saudade de todos aqueles que contemplam o mar do alto dos vários andares dos vapores fumegantes sem nele se poderem fundir. E nunca fui capaz de prever qualquer sequência no meu movimento perpétuo, nunca consegui adivinhar se as águas me iam levantar ou afundar, ou apenas sacudir ou rejeitar, virar-me de cara ou de costas para o céu, nunca pude aperceber-me de que avançava, embora soubesse que me dirigia para leste. Não havia mais nada, apenas montes e vales, o rugido do mar e os respingos, pequenos géiseres, o borbulhar ocasional, muralhas galopantes, enfurecidas, verticais, vertentes inclinadas, massas que se sumiam por baixo de mim sem se saber como, ascensões vertiginosas, quedas bruscas, cristas que surgem e se esvaem, a vista do cume e a vista do vale, montes e vales, montes e vales, o labor do Oceano. E por fim dei-me por vencido. Só uma vez me apercebi de que um toro solitário que me tinha acompanhado durante vários dias à distância de alguns quilómetros se afastava lentamente e desaparecia no espaço turvo, saturado de sal e de bruma. Então tive vontade de gritar no meu ovo, quando percebi que ele tinha sido ar-

rastado para as costas da Europa, enquanto eu seguia o ramo meridional da corrente em direção às Canárias, para ficar eternamente neste círculo fechado, andando sempre à roda, à roda, à roda... O Negro tinha calculado bem. Mas em vez de gritar pus-me a cantar porque a pujança do mar me estimulava ao canto.

Fui abalroado por um navio francês da *Compagnie des Chargeurs Réunis*, que partiu o vidro e me respecou. Assim se acabaram as minhas andanças. Mas isto só aconteceu alguns anos mais tarde. Desembarcado em Valparaíso, comecei logo a fugir do Negro, o qual, estava certo, me iria perseguir.

2

Que o Negro me iria perseguir, era tão óbvio como as estrelas no céu: aquele que alguma vez tenha saboreado alguém como ele a mim – ou melhor, quem tenha saboreado com alguém tais jogos – nunca mais poderá privar-se disso, como o tigre que conheceu o sabor da carne humana. A carne humana possui sem dúvida qualquer coisa que não é possível encontrar alhures.

Fugi, pois, através de todo o continente americano, depois mais longe para Oeste, e finalmente, de todos os sítios da Terra, o mais seguro pareceu-me ser a Islândia. Mas quis a má sorte que eu não tivesse força para suportar o olhar do funcionário da alfândega em Rejkjavik – e reconheci a minha culpa. Nunca na vida tentei contrabandear seja o que for. Sempre olhei os funcionários aduaneiros nos olhos e era o primeiro a abrir as malas. Sempre me afastei merecedor dos seus elogios. Mas desta vez a minha consciência pesada não

aguentou uma certa censura velada no olhar do funcionário e confessei que apesar de o meu bernal não conter nada contrário ao previsto na lei, eu não estava totalmente em ordem, não estava totalmente inocente, já que tentava passar-me a mim próprio como contrabando. O funcionário não criou dificuldades mas avisou provavelmente quem de direito porque em menos de dois dias apareceu o Negro que me levou no seu barco.

E de novo me achei num cubículo do porão, saciando com a minha submissão o desmando das vontades do Negro. Ele impelia o barco ao deus-dará, não poupando carvão nem vapor, enquanto traçava incessantemente planos e torturava o espírito interrogando-se que destino, de entre um sem-número de destinos, e que ponto, de entre um sem-número de pontos no mapa, me atribuir. Quanto a mim, aceitava tudo isso com a maior naturalidade, como se assim estivesse escrito desde o meu nascimento. Sabia de resto como tudo terminaria: não em algo completamente novo e desconhecido, mas em qualquer coisa que já conhecia, que sabia, pela qual talvez ansiasse há muito tempo.

Quando finalmente, depois de longos meses de sufocante clausura, senti o sopro refrescante do ar marinho, vi que o convés traseiro do barco se inclinava sob o peso de uma bola de aço (ou mais exactamente de um cone) cuja forma lembrava um pouco a de uma bala de canhão.

Esta extravagância devia ter-lhe custado uns bons milhões. Percebi imediatamente que a bola devia ser oca, senão onde é que eu me haveria de enfiar? De facto, quando desaparafusaram uma tampa lateral e olhei lá

para dentro, vi um quartinho muito pequeno, do tamanho de um pequeno quartinho qualquer. Esse quartinho de aço, sem nenhuma decoração e sem nenhum acessório, saudei-o como *meu*. Embora as paredes da bola fossem de uma espessura extraordinária, eu ainda não tinha compreendido exactamente as intenções do Negro. Só quando ele me disse que estávamos no Oceano Pacífico, no sítio onde a maior fossa marinha do mundo atingia 17000 metros, eu entendi... e apesar do calafrio que me perpassou pela espinha até às extremidades dos dedos esbocei um pequeno sorriso enigmático com as comissuras dos lábios, saudando aquilo que já conhecia há muito, que já sabia há muito, aquilo que há muito era *meu*.

Assim, seria o único mortal a sentir o ligeiro embate da bola no fundo debaixo dos pés, a única criatura a contorcer-se lá onde nem sequer há crustáceos. O único a quem seria dado deparar-se com as trevas, o torpor e o desespero absolutos. Seria isto, enfim, um destino absolutamente excepcional! Quanto ao Negro, via-se que ardia de curiosidade (e não era o único) de saber o que haveria lá em baixo; possuía-o a ideia obsessiva de que aquele rincão lhe fosse para sempre inacessível, de que essa paragem fria e rochosa escapasse ao seu domínio e de que, enquanto ele navegava à superfície, ela estava lá nas profundezas entregue a si própria. Por isso não era de estranhar que quisesse *saber*, e no dia seguinte à mesma hora... no dia seguinte *saberia* de facto, através dos dezassete quilómetros de água, que eu me contorcía lá no fundo e, sem o manifestar, deteria o segredo das profundezas, depois de me ter largado como uma sonda até lá ao fundo.

No entanto, quando eu já estava prestes a entrar no túmulo, foi descoberta uma imprecisão nos cálcu-

los, sendo que o peso específico da bola, apesar da espessura das paredes, não era suficiente para que ela se afundasse. Perante isso, o Negro ordenou que lhe fixassem um enorme gancho, que no gancho pendurassem uma corrente e que à corrente prendessem um lastro que me arrastaria atrás, lastro esse calculado de forma a não reduzir em demasia o tempo da descida.

O Negro mostrou-me pela última vez o mapa: fazia questão de que, ao expirar, eu tivesse nos olhos o ponto ao qual me iria unir na eternidade. Aparafusaram a bola comigo lá dentro. Seguiu-se a escuridão definitiva, senti um choque violento: tinham-me precipitado no mar e comecei a afundar-me. Mas devo dizer que aquilo que então vivi foi completamente diferente do que esperava. Isto é, esperava manter nesse momento certa relação com o real; ora a escuridão e a espessura das paredes da bola fizeram com que eu perdesse de todo a noção psíquica do que se passava: só sabia que me afundava, que descia, que me afogava, que deslizava, que rumava para baixo. Acocorado no chão de aço, respirava levemente. Mas por fim um ligeiro tremor marcou o termo da minha viagem de duas horas. Um tremor que confirmava que eu já tinha pousado no fundo! Via com o meu cérebro penetrante o lastro a tocar o fundo em primeiro lugar, depois a bola com o impulso a embater no lastro e em seguida a ser impelida ligeiramente para cima esticando a corrente. Ali estava enfim, no fundo dos fundos, no sítio mais secreto do Atlântico, ali estava – e vivo! – uma perna a tocar a outra! E lá em cima, directamente sobre mim, a uma distância de dezassete quilómetros, o Negro, o Negro deleitando-se com a ideia de que já sabia o que se pas-

sava naquelas profundezas inatingíveis, que lhes havia imposto a sua vontade, que aí tinha introduzido uma sonda, que tinha aquecido e possuído essas profundezas frias e estranhas através da minha tortura.

Mas a tortura atingiu progressivamente uma tal intensidade que me pus a rezear que chegasse a impedir o sofrimento e a posse, convertendo tudo e a mim próprio em meras figuras de uma falsa dança de doidos. Comecei a temer que a tortura se acabasse por tornar algo de tão pouco humano que impedisse o Negro de dela retirar qualquer proveito. Poupo-vos os pormenores e recordo apenas que imediatamente depois da estabilização definitiva da bola, a escuridão, que, tal como referi, era desde o primeiro momento total, aumentou ainda a ponto de eu ter de tapar a cara com as mãos, após o que já não consegui nem por um segundo retirá-las, como se se me tivessem colado à cara. Pior ainda, a minha consciência não pôde suportar a tremenda pressão, o terrível esmagamento e opressão e comecei a sufocar: o ar ainda era respirável mas eu sufocava em imaginação, sufocava precocemente a respirar, o que é talvez a mais horrível forma de sufocar. E o pior de tudo é que os meus movimentos espasmódicos, movimentos de minhoca, pareciam-me aqui, no isolamento, tão monstruosos na sua falta de sentido que fui invadido pelo medo de mim próprio e não podia suportar o facto de me mexer. A minha pessoa emergiu daquela horrível caverna submarina, mas quão diferente do que era à luz do dia ou mesmo (posso aqui usar essa expressão) à luz da noite, lá em cima! Como se tornara monstruosa! A minha palidez, à qual a perfeição das trevas parecia ter retirado toda a cor e expressão, uma

palidez enfiada dentro de mim próprio, cegada , emudecida, amordaçada, era algo de essencialmente diferente de qualquer palidez, mesmo da mais fantasmagórica mas que pelo menos é visível; e os meus cabelos eriçados, ali, no ferro, sob as águas, eram quase tão horríveis como o seria um grito naquela situação, um grito que eu reprimia com todas as minhas forças porque teria enlouquecido depois e não desejava tal coisa.

Ah, não sou de todo capaz de dizer quanto o Eu se torna assustador quando é trasladado para um domínio que lhe é alheio, nem a que ponto um homem utilizado como sonda se pode tornar desumano e como essa desumanidade ultrapassa todo o mal que se pode deparar ao homem. De resto não é disso que tenho de falar, quero antes descrever a forma como, apesar de tudo, saí desta armadilha. Comecei, pois, no mesmo momento, não podendo já aguentar mais, a atirar-me, a agitar-me, a saltar o mais alto possível e a embater com toda a força contra as paredes (o que fazia com certeza parte dos planos do Negro que, perseverante, esperava lá em cima), comecei a empurrar com toda a força, a lançar-me, a calcar o aço, a bater-lhe, a encolher-me e a esticar-me e a empurrar até ao fim. Essa loucura estéril provocou aparentemente um certo movimento, uma certa fricção no exterior. Não sei se a corrente rebentou, talvez corroída pela ferrugem, se o gancho saíu do elo da corrente ou se o lastro precariamente montado se desintegrou com apenas um encontrão casual, o que interessa é que de repente chegou a libertação, a salvação, o alívio... A bola subiu cada vez mais depressa e alguns minutos depois, em-

purrado por gigantesca pressão, fui projectado como uma rolha no espaço a uma altura de pelo menos um quilómetro.

Passado pouco tempo, a tripulação do navio mercante Halifax desapareceu a bola e tirou-me de dentro. O que aconteceu ao Negro, não sei. Talvez a bola ao cair lhe tivesse destruído o iate, ou talvez que, saciado com o que tinha acontecido, tivesse seguido viagem – para recordar. Em todo o caso perdi-o de vista por muito tempo. O *Halifax* fez escala em Pernambuco de onde parti para a Polónia para descansar.

Na mesma altura, caiu um enorme bólido no Mar Cáspio, que num instante se evaporou completamente. Massas rotundas e inchadas de nuvens cercaram a Terra e planavam sobre ela, fazendo pairar a ameaça de um segundo dilúvio; por vezes o sol jorrava por entre elas um feixe de raios ardentes. Reinava uma grande depressão. Ninguém sabia como fazer voltar aqueles corpanzís sonolentos para o leito de onde se tinham erguido. Por fim alguém se lembrou de fazer cócegas a uma delas, que se estendia sobre o mar abandonado, na parte mais barriguda e pesada do corpo, de um violeta mais carregado. Abriu as comportas. Quando se esvaziou por completo, as outras nuvens começaram a afluir ao vácuo azul criado pelo seu desaparecimento e uma a uma, mecanicamente, automaticamente, verteram as suas águas e de novo formaram o mar.

3

De regresso a casa, no campo, nas terras de Sandomierz, descansei, cacei um pouco, joguei um pou-

co ao *bridge*, fiz visitas pelas vizinhanças... e numa dessas vizinhanças havia uma jovem que eu teria alegremente enfeitado com um véu e coroadado com mirto. Tudo se tinha acalmado. O Negro, como já disse, tinha-se perdido algures, ou se calhar nem tinha existido; além disso, o Outono aproximava-se, as folhas caíam e o frescor do ar, cada dia mais intenso, incitava ao chamamento, à correria, à saudade e ao desvario. Para me divertir, pus-me a fantasiar sobre a construção de um balão de passeio, do tipo *Montgolfier*. Em breve o meu balão ficou pronto. O seu revestimento consistia numa tela especial, impermeável, muito ligeira e robusta, sendo o ar quente a sua força propulsora: ou seja, a tela em baixo era apertada por um anel de ferro, de maneira a deixar uma abertura razoável; nessa abertura estava fixado um candeeiro a querosene comum assente sobre uma forquilha de ferro fixada no anel. Bastava acender o candeeiro e subir um pouco a mecha para que o balão inflasse e esticasse as cordas que o ligavam à gôndola. A tela enrolada podia guardá-la facilmente no celeiro, mas quando a enchia (o que durava sempre cerca de uma hora) o seu diâmetro atingia entre trinta e quarenta metros.

A resolução tão simples de uma dificuldade tão grande, ou seja, o uso de um pequeno candeeiro num balão de tais dimensões atribuo-a não tanto às minhas capacidades técnicas pessoais como a um certo capricho sonolento que se apoderou então da Natureza. Não nego que, quando pela primeira vez me sentei na gôndola, me assustei um pouco perante a evidência da imensidão sobre mim, mas era uma imensidão ligeira, vazia no interior e dócil como uma criança.

Já todo o processo de aquecer o balão, o encher da enorme esfera, o retesar das cordas, o aumentar da elasticidade, o assobiar do candeeiro me proporcionaram muita satisfação. Tive de esperar bastante tempo até que o ar se dilatasse convenientemente. Por fim, o balão, inopinadamente, elevou-se muito depressa no ar. Baixei precipitadamente a mecha, mas apesar disso só parou por cima das árvores mais altas do meu jardim. Um ventinho suave impeliu-o sobre os campos na direcção da vizinhança conhecida. Atravessei um bosque e um ribeiro, depois uma aldeia onde a população encantada me mandava berros e saudações, e achei-me a 50 metros de altura, sobre o pátio bem conhecido e o alpendre com colunas que me era caro. Baixei a mecha e o balão pousou suavemente na relva; ao seu lado, a casa parecia um brinquedo de criança. Que espanto não suscitou! Quantos risos, elogios e cumprimentos para mim e para o meu balão! Nunca se tinha visto nada semelhante! O lanche foi interrompido para o poderem admirar, depois ofereceram-me café com queijo e compotas, e depois levei comigo uma só passageira e subi mais a mecha.

O prazer físico daquela viagem consistia antes de mais no facto de o balão ser enorme e inchado e ainda 1) de se poder navegar quase sobre a cabeça das pessoas mas fora do alcance das suas mãos estendidas; 2) de, se se encontrasse uma árvore ou uma casa, se poder tomar altura e voltar a descer logo a rasar o solo; 3) de o balão, apesar de enorme, ser estranhamente sensível, silencioso e submisso aos mais pequenos caprichos do ar, e de nós na gôndola sermos exactamente como ele, de termos tomado a sua dócil alma infantil; 4) de a

aragem, que aos outros só acariciava as faces, nos levar, a nós, e de nunca ser possível prever o nosso destino no espaço; 5) de, sem nenhuma maquinaria, para além de um candeeiro a querosene, e mesmo sem nenhum gás, mas apenas com a tela, as cordas, a gôndola, nós e o ar, haver a tela, as cordas, a gôndola e nós no ar; 6) e sexto e último, na magnífica *sombra* esférica a deslizar pela relva. Mas, no que me diz respeito, a passageira do balão contribuía mais ainda para a minha felicidade do que o próprio balão. Sobre as pradarias, os campos e os bosques travava conhecimento com ela pela primeira vez na vida, ia travando conhecimento cada vez mais de perto, e ela ouvia-me de tão bom grado que eu teria beijado mil vezes a sua orelhinha atenta e compreensiva. No entanto, embora as mulheres gostem, ao que parece, de romantismo, não lhe falei do Negro nem das minhas outras aventuras, por causa da vergonha incompreensível e ardente que me advertia que não fiasse demais.

Chegou o dia da troca de anéis, depois começou a aproximar-se também o dia do casamento. Durante todo esse tempo nem uma só vez pensei em nada de mal, corri com todas as recordações, vivia só para ela e para o balão, vivia a partir de hoje, a partir de ontem, salvo quando me projectava no futuro, no caminho liso e tranquilo da felicidade; mesmo os maus sonhos me abandonaram. Nunca... nem um só desvio... nem um só olhar para aquilo que tinha em tempos de facto existido... mas que se tinha sumido... Uma bétula era uma bétula, um pinheiro um pinheiro, um chorão um chorão. Mas eis o que se passou: uma vez, uma semana antes da cerimónia do matrimónio na igreja local, quan-

do já um secreto e alegre arrepió pré-nupcial me penetrava e todos me enviavam felicitações e parabéns, veio-me o desejo de experimentar o balão numa noite de tempestade. Eu só queria sentir o balanço causado pela violência do vento – garanto que não tinha nenhuma outra intenção, nenhum mau desejo. Mas a ventania arrastou-me com uma força indómita (talvez não propriamente a ventania mas sim o Negro em pessoa) e quando passadas muitas horas a aurora levantou a sua inquietante cortina, não pude crer nos meus olhos: abaixo de mim espreadava-se o Mar Amarelo.

Imediatamente me apercebi de que, lá em baixo... seria o fim... tudo recomeçava... e... e... esperavam-me terríveis chineses... Despedi-me para sempre das bétulas, dos pinheiros, dos chorões, assim como dos rostos e olhos conhecidos, e abri-me submisso aos pagodes retorcidos, aos bonzos, aos ídolos, aos mandarins e aos dragões. Quando a última gota de querosene se consumiu no candeiro, a gôndola pousou nas margens de uma pequena ilha. Das matas vizinhas saiu um chinês. Gritou ao ver-me e correu para mim, mas pus-me a fazer-lhe sinais para que parasse porque (obviamente) era leproso. Estacou indeciso, olhou-me com atenção, emitiu uma espécie de grunhido, como de espanto, tocou a sua horrenda cobertura grumosa, e conduziu-me até uma dúzia de miseráveis choças feitas de cana que se avistavam ao longe. Não parava de me examinar com atenção, e eu não sabia muito bem o que esse olhar significava. Pressentia já alguma coisa... mas apesar disso continuei a segui-lo.

No entanto, quando chegámos ao lugarejo, a minha pele rebelou-se. Retraíu-se, arrepiou-se, encolheu-

-se, estremeceu de horror! Toda a aldeia, sem exceção, era habitada por leprosos, tanto os anciãos como os homens, as mulheres, as donzelas, os mancebos, todos a não ser algumas crianças, cuja lisura da pele contrastava de forma gritante com os outros. Tratava-se de um caso da doença conhecido, tanto quanto sei, como *lepra anaesthetica* ou talvez *lepra elephantiasis*: tudo era rugoso, grumoso, cheio de excrescências, inchado e crescente, com manchas de cor mate-esbranquiçado, acastanhadas ou vermelho-pardacento, com furúnculos, escamas, espessamentos, quistos e abscessos crônicos. E esta gente não era submissa e humilde como os seus semelhantes que nas cidades da Ásia assinalam de longe com um grito a sua asquerosa presença. Oh, não, de forma alguma, há que reconhecê-lo desde já, não havia neles sombra de submissão e humildade! Pelo contrário, fizeram círculo à minha volta e empurravam-se na minha direção com tanta curiosidade e impudência, tocando-me com os dedos de unhas deformadas e encascadas, que me atirei a eles vociferando e ameaçando-os com o punho. Desapareceram momentaneamente nas choças. Abandonei a aldeia o mais depressa que pude, mas quando, após umas centenas de passos, virei a cabeça, vi que o bando tinha saído das choças e de longe vinha no meu encalço. Bati com o pé. Desapareceram, mas passado um momento voltaram a sair.

A ilha não ocupava mais de 15 quilômetros quadrados e era, pode dizer-se, completamente deserta; a maior parte da sua superfície era coberta por densa floresta. Eu caminhava, não demasiado depressa mas sem parar, sem demasiado nervosismo mas rígido, sem demasiado pânico mas estugando ligeiramente o passo,

porque sentia sempre atrás de mim esses monstros manchados. Não queria voltar-me, queria fingir que não sabia de nada, que não via nada, e só as (minhas) costas me advertiam de que eles se aproximavam lentamente. Eu caminhava, caminhava... caminhava em diferentes direcções como um viajante, como um turista, como um pesquisador, por aqui, por ali, cada vez mais depressa, como um homem que tem negócios urgentes a tratar, mas por fim já não havia mais sítio, e uma vez esgotados todos os espaços arborizados embrenhei-me por uma vereda na mata densa. Aproximaram-se sensivelmente: seguiam-me já de muito perto e eu ouvia os seus murmúrios e o estalar dos ramos. Tendo avistado uma pele grumosa esgueirando-se por trás de um arbusto, virei abruptamente à esquerda e sobressaltei-me ao ver através das lianas algo parecido com uma mão em adiantado estado de elefantíase. Desemboquei numa pequena clareira e eles atrás de mim. De novo bati com o pé e eles recuaram para a mata. Continuei a andar e eles reapareceram em massa, insistentes como ratazanas, enquanto os murmúrios, os encontrões, as cotoveladas se tornavam cada vez mais ousados. Todos os meus pêlos estavam tesos como arame. Que teriam descoberto em mim estes bexigosos? Que queriam? As mulheres sabem o que isso é, quando um bando de rufias desaforado se mete com elas por trás, pelas costas, começando com piadas grosseiras, o que as faz fugir de cabeça baixa. Era justamente isso que se passava comigo, exactamente o mesmo, ponto por ponto...

Que queriam? Não tinha compreendido ainda, não tinha apreendido logo esta nova ideia, mas mencionei uma semelhança ponto por ponto... E se aprofundasse

bem a natureza das circunstâncias em que tinha sido arrebatado e subitamente transferido para esta ilha, o arrepio pré-nupcial, da igreja e do véu, não podia ser de outra forma... Numa palavra, tornou-se evidente que eu os excitava, que os excitava de maneira particular, e embora não pudesse adivinhar as origens dessa excitação nem o sentido das suas exclamações, das suas gargalhadas, das suas piadas nojentas, o seu escárnio, volúpia e lubricidade não deixavam dúvidas: na voz desses homens-monstros eu sentia essa brutalidade lúbrica, e na voz das mulheres-monstros esse regozijo malévolos que, infalivelmente, nas criaturas humanas de qualquer raça ou latitude geográfica costumam ser provocados por duas coisas: a inocência ou a imaturidade. Oh, ainda teria podido aceitar a lepra, mas não a lepra e o erotismo juntos, não, por amor de Deus, a lepra erótica não! Lancei-me numa fuga enlouquecida. Eles, ao aperceberem-se disso, continuaram a perseguição numa algazarra. Mas não eram as suas patorras de elefante que podiam rivalizar com o meu pânico enlouquecido! Escondi-me na copa densa de uma árvore e, armado de um pau bem grosso, jurei rachar a cabeça ao primeiro que se aproximasse.

E pouco a pouco apareceu-me em toda a sua clareza essa infernal maquinação, a essência infernal dessa tortura... Descobri todo um complicado mecanismo de probabilidades que transformava essa fantasia em realidade. À ilha, há duzentos ou trezentos anos que não aportava nenhum barco, tinha sido esquecida, como acontece por vezes com essas pequenas ilhotas inférteis. A população não tinha memória nem tinha ouvido os antepassados contar que alguém tivesse alguma vez visto um estrangeiro.

Sim, mas como entender aquela indecência, aquelas troças lascivas, aquela perseguição terrível e aquela vontade de assédio? Oh, não é difícil! Não é difícil, basta penetrar a psicologia da negritude que tramava tudo isto (e eu já tinha experiência neste domínio). Desde tempos remotos, quem sabe algumas quatro gerações, que tinham sido atingidos pela lepra e, com o tempo, assimilaram-na, aceitaram-na como característica natural da condição humana. As manchas eram aos seus olhos tão próprias à espécie humana como o colorido às borboletas, as excrescências tão naturais como a crista no galo. E ter-lhes-ia sido tão difícil imaginar um homem sem bexigas e furúnculos como a nós imaginar um homem sem um único pêlo no corpo. E como os filhos nasciam sãos, lisos e limpos, e só passados alguns anos eram contaminados e o momento em que a pele começava a tornar-se mais espessa e a ganhar crostas coincidia com o da maturidade, do primeiro beijo, dos primeiros arroubos amorosos, por tudo isso, ao ver-me ridiculamente liso, totalmente não bexigoso, comicamente delgado, espécie de acrobata de carinha rosada (sim, para eles as excrescências, as manchas, as crostas, as pústulas ovais ou em estrela eram o mesmo que as cores para as borboletas, tal como para nós a pilosidade, que faz da criança um adulto) não puderam deixar de pensar o que pensaram. Não puderam deixar de se acotovelar, de troçar, de me vilipendiar, de me maltratar, e quando repararam que eu tinha medo deles, que fugia envergonhado e vexado, não puderam deixar de lançar com deleite a sua maturidade monstruosa em perseguição da minha inocência fugitiva, por força da mesma lei infernal que rege os miúdos na escola.

Levei naquela ilha, durante dois meses, uma existência de macaco, escondendo-me nas cavidades das árvores, nas matas densas e no cimo das palmeiras. Os monstros organizaram uma caçada oficial à minha pessoa. Nada os podia divertir mais do que a vergonha com que eu fugia ao seu contacto. Emboscavam-se na mata, atiravam-se inesperadamente, perseguiam-me com rugidos lúbricos e alegres, e se não fosse o seu característico *odor hircinus* ou a inépcia dos seus membros desfigurados e o medo desesperado que me multiplicava as forças, teria caído cem vezes nas suas garras. Mas sobretudo, se não fosse a minha pele, a minha pele que se encolhia sem um momento de tréguas, hipersensível, encorilhada, apavorada, extenuada, num pânico perpétuo. Passei a ser apenas pele: adormecia e acordava com ela, ela era a única coisa, era tudo para mim.

Por fim descobri por acaso algumas garrafas de que-rosene que provinham certamente de algum barco naufragado. Consegui remendar o balão e descolei... Mas quando avistei de novo as faias, os pinheiros, etc, e os olhos bem conhecidos, que podia fazer? Que podia fazer, eu, liso como era, sem grumos, sem manchas, sem crostas, sem escamas e abcessos, sem a menor excrescência? Que podia fazer? Poderia agora, rosado, infantil, olhar esses olhos?

E como não podia, não podia, e despedi-me então daquilo que me abandonava... Aliás, em breve fui absorvido por outras aventuras, ah pois, aventuras não me faltaram. Lembro-me de que em 1918 fui eu e mais ninguém quem rompeu a frente alemã. Como é sabido, as trincheiras chegavam mesmo até à orla do mar. Constituíam um verdadeiro sistema de canais secos e

profundos que se estendiam sem interrupção por cerca de 500 quilómetros. E só me ocorreu a mim a ideia simples de... as inundar. De noite introduzi-me nelas furtivamente, cavei um fosso e liguei-as ao mar. A água, que irrompeu imparável, alagou-as em toda a extensão da frente e as tropas aliadas estupefactas avistaram os alemães encharcados até aos ossos, saltando delas em pânico, na alvorada de uma manhã brumosa.

Italo Calvino

Os filhos madraços

Tradução de José Lima

Italo Calvino (1923-1985). Nascido em Cuba, onde os pais trabalhavam, acompanha-os no regresso a Itália, passando a viver em San Remo, onde faz o liceu e começa a estudar Agronomia, que não chega a acabar. Durante a guerra combateu na Resistência, estabelecendo-se depois em Turim, onde se formou em Literatura e começou a trabalhar no jornal comunista *L'Unità* e na editora Einaudi. De 1959 a 1966, juntamente com Elio Vittorini, editou a revista de esquerda *Il Menabò di letteratura*. A sua participação na Resistência inspirou as primeiras obras de ficção – *Il sentiero dei nidi di ragno* (1947) e o livro de contos *Ultimo viene il corvo* (1949), de onde foi extraído o conto aqui publicado (*I Figli poltroni*, no original). A partir da década de 1950 a sua obra ganha um cunho alegórico e fantástico, ilustrado em livros como *Il visconte dimezzato* (1952), *Il barone rampante* (1957) e *Il cavaliere inesistente* (1959). A sua mudança para Paris em 1964 assinala um renovado interesse pelas teorias astronómicas e cosmológicas e pela semiótica. A sua escrita assume uma estrutura cada vez mais complexa e inovadora, com recurso a processos combinatórios da narrativa, traduzindo-se em algumas das suas obras mais conhecidas, como *Le città invisibili* (1972), *Il castello dei destini incrociati* (1973), e *Se una notte d'inverno un viaggiatore* (1979). Grande parte da sua obra encontra-se traduzida em Português na editorial Teorema.

Manhã cedo, ainda eu e o meu irmão dormimos de cara enterrada na almofada e já se ouvem os passos fer-rados do nosso pai a girar pela casa. O nosso pai quan-do se levanta faz muito barulho, talvez de propósito, e arranja maneira de subir e descer as escadas umas vinte vezes, todas escusadas. Talvez a vida dele seja toda as-sim, um desperdício de forças, uma grande canseira inú-til, e talvez o faça como protesto contra nós os dois, tal raiva lhe fazemos.

A minha mãe não faz barulho, mas também já anda na cozinha enorme, a atiçar, a descascar com aquelas mãos cada vez mais gretadas e enegrecidas, a esfregar vidros e móveis, às voltas com as roupas. Também isto é um protesto contra nós, o labutar sempre calada e aguentar a casa sem criadas.

“Vendam a casa e comemos com o dinheiro dela”, digo eu, encolhendo os ombros quando se põem a con-sumir-me que assim não se pode continuar, mas a mi-

nha mãe continua a afadigar-se calada, manhã e noite, que não sei quando dormirá, enquanto nos tectos as fendas se abrem mais e filas de formigas correm pelos muros, e as ervas e silvas crescem no quintal ao abandono. Talvez dentro de pouco tempo não reste da nossa casa mais do que uma ruína coberta de silvados. Mas a minha mãe de manhã não aparece a dizer para nos levantarmos, pois sabe que não vale a pena, e aquela labuta sempre calada com a casa a cair-lhe em cima é o seu modo de nos atormentar.

O meu pai pelo contrário às seis horas já está a escancarar a nossa porta, de colete e polainas e a gritar: “Corro-vos à paulada! Calaceiros! Nesta casa todos trabalham menos vós! Pietro, levanta-te se não queres que te esgane! Diz a esse ladrão do teu irmão Andrea para se levantar!”

Já o tínhamos ouvido aproximar-se no sono e ficamos com as caras enterradas nas almofadas, sem sequer nos voltarmos. Protestamos com grunhidos às vezes, se demora a calar-se. Mas não tarda a retirar-se: sabe que tudo é inútil, que tudo aquilo não passa de teatro, uma cerimónia ritual para não se declarar vencido.

Nós recaímos no sono: o meu irmão, as mais das vezes, nem sequer acorda, de tão habituado e indiferente. Um egoísta e insensível, este meu irmão: às vezes dá-me raiva. Eu faço o mesmo, mas ao menos compreendo que não está certo e o primeiro a não estar contente sou eu. Continuo no entanto, mas com raiva.

“Cão – digo ao meu irmão Andrea – cão, que dás cabo da tua mãe e do teu pai.” Ele não responde: sabe que sou um hipócrita e um palhaço, que mais mandrião do que eu não há.

Daí a dez, vinte minutos o meu pai está de novo ali à porta, consumido. Agora usa outro sistema: propostas quase com indiferença, complacentes: uma comédia que faz pena. Diz ele: “Então quem é que vem comigo a San Cosimo? Tem de se atar as videiras.”

San Cosimo é o nosso campo. Está tudo a definhar e não há braços nem dinheiro para não o deixar morrer.

– Há que cavar as batatas. Vens tu, Andrea? Eh, vens tu? Falo contigo, Andrea. Há que mudar a rega dos feijões. Então, sempre vens?

Andrea levanta a boca da almofada e diz: “Não”, e adormece.

– Porquê? – continua o meu pai com o seu teatro. – Era o Pietro que tinha ficado de vir? Vens tu, Pietro?

Depois zanga-se de novo e de novo se acalma e fala das coisas que há para fazer em San Cosimo como se estivesse combinado que nós íamos. Cão, penso eu do meu irmão, cão, que podia levantar-se e dar-lhe uma satisfação ao menos uma vez, coitado do velho. Mas agora não sinto nenhuma energia para me levantar e esforço-me por retomar o sono que já se foi.

– Bem, despachai-vos que estou à vossa espera – diz o nosso pai e afasta-se como se estivéssemos já combinados. Ouvimo-lo andar e resmungar em voz baixa, preparando os adubos, o sulfato, as sementes que tem de levar; todos os dias sai e volta carregado como uma mula.

Pensamos já que ele se foi embora e ei-lo que grita ainda do fundo das escadas: “Pietro! Andrea! C’os diabos, ainda não estais prontos?”

É o último berro que lhe ouvimos: depois ouviremos os passos ferrados nas traseiras da casa, o bater do

cancelo, e ele a afastar-se escarrando e gemendo pela estradita fora.

Agora podemos voltar a pegar num sono de enfiada, mas eu não consigo voltar a adormecer e penso no meu pai que sobe carregado pelo carreiro acima escarrando e depois na faina, a vociferar contra os jornaleiros que o roubam e deixam andar tudo ao deus dará. E olha as plantas e os campos, os insectos que roem e escavam por toda a parte, o amarelo das folhas e a espessura das ervas daninhas, todo o trabalho da sua vida que assim se perde em ruína como os muros dos socalcos que se desmoronam de cada vez que chove, e pragueja contra os filhos.

“Cão – digo, pensando no meu irmão – cão.” Aplicando o ouvido, chega-me de baixo um estremeço, um cabo de vassoura que cai no chão. A minha mãe está só naquela cozinha enorme, o dia mal clareia os vidros das janelas e ela afadiga-se por uma gente que lhe vira as costas. Penso nisto e adormeço.

Não são ainda as dez e a nossa mãe a gritar das escadas: “Pietro! Andrea! Já são dez horas!” Tem uma voz muito zangada, como se estivesse irritada com alguma coisa inaudita, mas é assim todas as manhãs. “Siim...”, gritamos. E ficamos na cama mais uma meia hora, agora acordados, para nos habituarmos à ideia de nos levantarmos.

Depois eu começo a dizer: “Vá, acorda, Andrea, toca a levantar. Vá, Andrea, vê se te levantas.” Andrea resmunga.

Por fim estamos a pé, depois de muito bufar e espreguiçar. Andrea ciranda em pijama com movimentos de velho, a cabeça toda desgrenhada, os olhos meio

cegos, mas já a lamber uma mortalha para se pôr a fumar. Fuma à janela, depois começa a lavar-se e a fazer a barba.

Entretanto começou a murmurar e pouco a pouco do murmúrio nasce uma cantiga. O meu irmão tem uma voz de barítono, mas em grupo é sempre o mais triste e nunca lhe dá para cantar. Pelo contrário, a sós, enquanto se barbeia ou toma banho, ataca um daqueles seus temas cadenciados com uma voz cava. Canções não sabe e vai sempre dar a uma poesia de Carducci que aprendeu em pequeno: *Sul castello di Verona – batte il sole a mezzogiorno...*

Eu estou perto a vestir-me e faço coro, sem alegria, com uma espécie de violência: *Mormorando per l'aprigo – verde il grande Adige va...*

O meu irmão continua a cantarolar sem saltar nenhuma estrofe até ao fim, enquanto lava a cabeça e escova os sapatos. *Nero come un corvo vecchio – e negli occhi aveva carboni...*

Mais ele canta e mais eu me encho de raiva e me enfureço também a cantar: *Mala sorte è questa mia – mala bestia mi toccò...*

É o único momento em que fazemos barulho. Depois ficamos calados praticamente o resto do dia.

Descemos, aquecemos o leite, depois ensopamos nele o pão e comemos com muito ruído. A minha mãe anda por ali e fala, lamentando-se, mas sem insistência, de todas as coisas que há para fazer, das coisas para tratar. “Sim, sim”, respondemos, para logo as esquecermos.

De manhã, normalmente não saio, fico a cirandar pelos corredores de mãos nos bolsos, ou arrumo de novo

a biblioteca. Há tempos que não compro livros: era preciso muito dinheiro e além do mais larguei muitas coisas que me interessavam e se voltasse a elas ia querer ler tudo e falta-me a vontade. Mas continuo a dar nova arrumação aos poucos livros que tenho na estante: italianos, franceses, ingleses; ou por assunto: história, filosofia, romances; ou então os que têm a mesma encadernação, as edições cuidadas, e os danificados à parte.

O meu irmão, pelo contrário, vai até ao café *Imperia* ver jogar bilhar. Não joga porque não tem jeito: passa horas e horas a ver os jogadores, a seguir os efeitos da bola nas tabelas, fumando, sem se entusiasmar, sem fazer apostas porque não tem dinheiro. Às vezes encarregam-no de marcar os pontos, mas distrai-se muitas vezes e engana-se. Faz um ou outro pequeno negócio, quanto lhe baste para comprar tabaco; há seis meses que fez um pedido para um lugar na empresa do aqueduto, que lhe permitiria manter-se, mas não faz nada para o conseguir, já que o comer por ora não lhe falta.

Ao almoço, o meu irmão chega tarde, e comemos os dois calados. Os nossos pais estão sempre a falar de receitas e despesas e dívidas e de como conseguir aguentar com dois filhos que não ganham, e o nosso pai diz: “Olhai para o vosso amigo Costanzo, olhai para o vosso amigo Augusto.” Porque os nossos amigos não são como nós: fizeram uma sociedade para a compra e venda de matas para corte e andam sempre por aí, a comerciar, e fazem negócios, inclusive com o nosso pai, ganham montes de dinheiro e não tarda a que tenham um camião. São aldrabões e o nosso pai sabe-o: mas gostaria de nos ver como eles, em vez de como somos. “O vosso amigo Costanzo ganhou muito naquele negócio”, diz.

“Vêde se podeis entrar nisso também.” Mas os nossos amigos estão connosco muitas vezes, mas não nos propõem negócios nenhuns: sabem que somos calaceiros e sem préstimo.

À tarde, o meu irmão volta a dormir: ninguém sabe como consegue dormir tanto, mas dorme. Eu vou ao cinema: vou todos os dias, mesmo quando voltam a dar filmes que já vi, assim escuso de me esforçar para seguir a história.

Depois do jantar, estendido no sofá, leio umas traduções de romances volumosos que me emprestam: muitas vezes ao ler perco o fio à meada e nunca consigo chegar ao fim. O meu irmão sai mal acaba de comer: vai ver jogar bilhar.

Os meus pais vão dormir logo a seguir porque de manhã se levantam cedo. “Vai para o teu quarto, que aqui estás a gastar luz”, dizem-me ao sair. “Vou já”, digo, mas deixo-me ficar.

Estou já deitado e durmo há algum tempo quando pelas duas horas volta o meu irmão. Acende a luz, anda pelo quarto e fuma um último cigarro. Conta coisas da cidade, dá opiniões benévolas sobre as pessoas. Esta é a hora em que está mesmo bem acordado e gosta de falar. Abre a janela para deixar sair o fumo, olhamos a colina com a estrada iluminada e o céu escuro e límpido. Eu sento-me na cama e conversamos demoradamente de coisas sem importância, de ânimo leve, até nos vir o sono.

Albert Camus

A mulher adúltera

Tradução de João Martins

Albert Camus (1913-1960), nascido na Argélia de uma família de emigrantes pobres, não chega a conhecer o pai, morto na guerra em 1914, e é com a mãe, praticamente analfabeta, que estabelece os mais fortes laços afectivos. É na Argélia que cresce e faz os seus estudos superiores em Filosofia. A tuberculose, que nele se manifesta aos dezassete anos, dá-lhe uma consciência prematura da precariedade da vida humana e veda-lhe o acesso, anos mais tarde, a uma carreira académica. O seu amor à justiça e à liberdade levam-no a romper cedo com o Partido Comunista, bem como a abraçar o jornalismo enquanto meio-termo válido entre a condição do intelectual e a necessidade de uma ligação activa à realidade, na qual intervém sempre em defesa das partes oprimidas. Em 1940 muda-se para França e, no ano seguinte, entra para a Resistência. O humanismo existencialista, de amor à vida e desespero perante a sua falta de sentido, que elabora em toda a sua produção literária – a este respeito, é frequentemente mencionado o encontro com Sartre, em 1943 – atravessa os vários géneros a que se dedica. Da sua vasta obra, destacam-se, na ficção, *L'Étranger* (1942), *La Peste* (1947), *La Chute* (1956) e *L'Exil et le royaume* (1957), de que o presente texto constitui o conto de abertura; no teatro, *L'État de siège* (1948); e, no ensaio, *L'Envers et l'endroit* (1937), *L'Homme révolté* (1951), *Lettres à un ami Allemand* (1945) e *Discours de Suède* (1958).

Uma mosca magra esvoaçava há algum tempo no interior do autocarro, apesar das janelas fechadas. Insólita, ia e vinha sem ruído, num voo extenuado. Janine perdeu-a de vista, depois viu-a pousar na mão imóvel do marido. Estava frio. A mosca estremecia a cada rajada de areia que estalava, rangendo, contra os vidros. Na luz rarefeita da manhã de Inverno, com grande estrondo de chapas e de eixos, o veículo seguia, dançando, avançando a custo. Janine olhou para o marido. Com os seus remoinhos já meio grisalhos semeados muito abaixo numa testa estreita, o nariz grosso, boca irregular, Marcel tinha o ar de um fauno amuado. A mulher sentia-o saltar contra ela a cada buraco do pavimento. Depois, deixava novamente descair o tronco pesado sobre as pernas abertas, de olhar fixo, uma vez mais inerte e ausente. Só as mãos, grandes e glabras, que a flanela cinzenta, cobrindo os punhos da camisa, encurtava ainda mais, pareciam activas. Agarravam com

tanta força uma malinha de tela entre os joelhos que davam a ideia de não sentir o trajecto hesitante da mosca.

De súbito, ouviu-se distintamente o vento uivar e adensou-se mais a bruma mineral que envolvia o autocarro. Nos vidros, a areia embatia agora em golfadas como atirada por mãos invisíveis. A mosca agitou uma asa friorenta, flectiu as patas e levantou voo. O autocarro abrandou, como se fosse parar. Depois, o vento pareceu amainar, a bruma diluiu-se um pouco e o veículo tornou a ganhar velocidade. Na paisagem inundada de poeira, abriam-se clareiras de luz. Duas ou três palmeiras, franzinas e esbranquiçadas, como feitas de metal, surgiram no vidro da janela para logo se desvanecerem.

– Que terra! – disse Marcel.

O autocarro ia cheio de árabes que fingiam dormir, enfiados nos seus albornozes. Alguns tinham posto os pés sobre o banco e oscilavam mais que os outros com os solavancos. O seu silêncio e a sua impassibilidade acabaram por pesar a Janine; parecia-lhe que viajava há dias na companhia daquela escolta muda. Contudo, o autocarro partira ao alvorecer da estação dos comboios e havia apenas duas horas que avançava, na manhã fria, por um planalto pedregoso, desolado, que, pelo menos de início, estendia as suas linhas rectas até ao horizonte avermelhado. Mas levantara-se o vento e, pouco a pouco, devorara toda aquela imensidão. A partir desse momento, os passageiros não tinham visto mais nada; um após outro, tinham-se calado e navegavam em silêncio numa espécie de insónia, limpando de vez em quando os lábios e os olhos irritados pela areia que se infiltrava no veículo.

– Janine! – Sobressaltou-se ao apelo do marido. Pensou uma vez mais como tal nome soava ridículo nela, grande e forte como era. Marcel queria saber onde estava a maleta das amostras. Janine explorou com o pé o espaço vazio debaixo do banco e encontrou um objecto que concluiu ser a maleta. A verdade é que não conseguia baixar-se sem alguma falta de ar. No liceu, porém, tinha sido a primeira em ginástica e o seu fôlego era inesgotável. Fora assim há tanto tempo? Vinte e cinco anos. Vinte e cinco anos não eram nada, pois parecia-lhe ter sido ontem que hesitara entre a vida livre e o casamento, ter sido ontem ainda que pensara com angústia no dia em que viria, talvez, a envelhecer sozinha. Não estava sozinha, e o estudante de Direito que não queria nunca deixá-la encontrava-se agora a seu lado. Acabara por aceitá-lo, embora fosse um tanto baixo e ela não gostasse muito do seu riso ávido e breve nem dos seus olhos negros demasiado protuberantes. Mas gostava da sua coragem para a vida, que partilhava com os outros franceses daquela terra. Também gostava do seu ar desconcertado sempre que os acontecimentos, ou os homens, frustravam as suas expectativas. Gostava, sobretudo, de ser amada, e Marcel tinha-a cumulado de atenções. De tanto a fazer sentir que existia para ele, o marido fazia-a, de facto, existir. Não, não estava sozinha...

O autocarro, à força de buzínadelas, ia abrindo caminho através de invisíveis obstáculos. Lá dentro, porém, ninguém se mexia. Janine sentiu-se de súbito observada e voltou-se para o banco do outro lado da coxia. Quem a olhava não era um árabe e Janine estranhou não ter reparado nele no início da viagem.

Envergava o uniforme das unidades francesas do Saara e um quépi de pano escuro sobre o rosto curtido de chacal, longo e afilado. Examinava-a, com os seus olhos claros, numa espécie de enfado, fixamente. Ela corou de imediato e voltou-se de novo para o marido, que continuava a olhar em frente, absorto na bruma e no vento. Janine resguardou-se mais no seu casaco. Mas não deixava de ver o soldado francês, esguio e magro, tão magro, no seu dólman justo, que parecia feito de alguma matéria seca e friável, mistura de areia e osso. Foi então que viu as mãos magras e o rosto tisonado dos árabes à sua frente e notou como pareciam à larga, apesar das roupas amplas, nos bancos onde o marido e ela mal cabiam. Puxou para si as abas do casaco. Contudo, nem era realmente gorda. Grande e cheia, sim, carnuda; e ainda desejável – bem o sentia no olhar dos homens – com um rosto um tanto infantil, os olhos frescos e claros, em contraste com o volume do corpo, que sabia morno e indolente.

Não, nada estava a correr como tinha suposto. Quando Marcel quisera levá-la consigo, tinha protestado. Havia muito que ele pensava naquela viagem, mais precisamente desde o fim da guerra, quando os negócios tinham voltado ao normal. Antes da guerra, a lojinha de tecidos herdada dos pais depois de ele abandonar os estudos de direito ia dando para viverem menos mal. Na costa, os anos de juventude podem ser felizes. Mas Marcel não apreciava muito os esforços físicos e depressa deixara de a levar à praia. O pequeno automóvel só para o passeio de domingo os tirava da cidade. No resto do tempo, Marcel preferia a loja de tecidos coloridos, à sombra das arcadas do bairro meio

indígena, meio europeu. Viviam por cima, em três divisões, decoradas com tapetes árabes e móveis Barbès. Não tinham tido filhos. Os anos foram passando, na penumbra que mantinham, com as persianas meio cerradas. De Verão, as praias, os passeios, o próprio céu estavam longe. A Marcel, nada parecia interessar além dos seus negócios. Janine julgava ter-lhe descoberto a verdadeira paixão, que era o dinheiro, e isso não lhe agradava, sem saber muito bem porquê. No fim de contas, também ela beneficiava. Marcel não era sovina, pelo contrário, sobretudo com ela. «Se me acontecesse alguma coisa», dizia, «ficavas precavida». E, com efeito, há que precaver as necessidades. Mas o resto, o que ultrapassa as necessidades mais simples, como precavê-lo? Eis o que, de longe em longe, Janine confusamente sentia. Entretanto, ajudava o marido com a escrita e substituía-o ao balcão uma vez por outra. O mais difícil era o Verão, quando o calor desfazia até a doce sensação do tédio.

De súbito, precisamente no pino do Verão, viera a guerra, Marcel mobilizado e depois desmobilizado, a escassez dos tecidos, os negócios parados, as ruas desertas e quentes. Se alguma coisa acontecesse, já não estaria precavida. Fora por isso que, desde o reaparecimento dos tecidos, Marcel planeara percorrer as aldeias dos planaltos e do Sul para dispensar intermediários e vender directamente aos mercadores árabes. Quisera levá-la consigo. Ela sabia que as deslocações eram difíceis, custava-lhe a respirar, preferia esperar em casa pelo marido. Marcel, porém, mostrara-se obstinado e ela acabara por aceder porque teria sido necessária muita energia para recusar. Agora ali estavam e a verdade era

que nada se parecia com o que tinha imaginado. Teme-
ra o calor, as nuvens de moscas, os hotéis imundos, cheios
de odores anisados. Não pensara no frio, no vento cor-
tante, naqueles planaltos quase polares, juncados de
sedimentos. Sonhara também com palmeiras entre
areias suaves. Via agora que o deserto não era isso, era
apenas pedra, pedra em todo o lado, tanto no céu, onde
reinava ainda, absoluto, rangente e frio, o pó de pedra,
como no chão, onde só medravam, entre pedras,
gramíneas secas.

O autocarro parou bruscamente. O motorista disse
em voz alta algumas palavras naquela língua que Janine
tinha ouvido a vida inteira sem nunca compreender.

– O que foi? – perguntou Marcel. O motorista,
agora em francês, disse que a areia devia ter obstruído
o carburador e Marcel tornou a maldizer a terra. O mo-
torista riu com um riso aberto e garantiu que não era
nada, que ia desobstruir o carburador e depois se po-
riam de novo a caminho. Abriu a porta e o vento gela-
do invadiu o veículo, crivando-lhes imediatamente o
rosto de mil grãos de areia. Os árabes esconderam o
nariz nos albornozes e encolheram-se mais sobre si mes-
mos.

– Fecha a porta! – gritou Marcel. O motorista con-
tinuava a rir, dirigindo-se para a porta. Sem pressas,
tirou algumas ferramentas de sob o tablier e, minús-
culo na bruma, voltou a desaparecer na dianteira, sem
fechar a porta. Marcel suspirava.

– Podes ter a certeza de que ele nunca viu um mo-
tor na vida.

– Deixa lá – disse Janine. De repente, estremeceu.
Imóveis, na berma, mesmo ao lado do autocarro, esta-

vam vultos cobertos de panos. Sob o capuz dos albornozes e por detrás de uma muralha de véus, só os olhos se viam. Calados, vindos sabia-se lá de onde, olhavam os passageiros.

– Pastores – disse Marcel.

Lá dentro, o silêncio era completo. Os passageiros, de cabeça baixa, pareciam escutar a voz do vento, à solta naqueles planaltos sem fim. Janine estranhou, de súbito, a ausência quase total de bagagens. Na estação dos comboios, o motorista tinha alçado para o tejadilho a mala deles e algumas trouxas. Nas redes do interior, só se viam cajados nodosos e alcofas rasas. Aparentemente, toda aquela gente do Sul viajava de mãos vazias.

Mas já o motorista regressava, sempre sem embaraços. Só os olhos, acima do véu em que também ele ocultara o rosto, riam ainda. Anunciou que iam seguir viagem, fechou a porta, o vento calou-se e a chuva de areia nos vidros ouviu-se melhor. O motor tossiu e emudeceu. Longamente solicitado pela ignição, pegou finalmente e o motorista fê-lo roncar à força de acelerações. Num grande solavanco, o autocarro pôs-se de novo em marcha. Da massa andrajosa dos pastores, ainda imóveis, elevou-se uma mão, que logo ficou para trás e se desvaneceu na bruma. Quase de seguida, o veículo começou a ressaltar na estrada, cujo estado piorava. Sacudidos, os árabes não cessavam de oscilar. Janine sentia, ainda assim, que o sono a ia vencendo, quando lhe surgiu à frente uma caixinha amarela, cheia de pastilhas de catechu. O soldado-chacal sorria-lhe. Ela hesitou, serviu-se e agradeceu. O chacal guardou a caixa e engoliu prontamente o sorriso. Fixava agora a estrada, olhando a direito diante de si. Janine voltou-se para

Marcel e apenas viu a sua nuca sólida. O marido olhava, pela janela, a bruma mais densa que se elevava das bermas friáveis.

Viajavam há horas e, dentro do autocarro, o cansaço tinha apagado todos os sinais de vida, quando lá fora ressoaram gritos. Crianças vestidas de albornozes, girando sobre si mesmas como piões, pulando, batendo palmas, corriam em redor do veículo. Este seguia agora por uma rua comprida ladeada de casas baixas; estavam a chegar ao oásis. O vento continuava a soprar, mas as paredes detinham as partículas de areia, que já não obscureciam a luz. O céu, todavia, mantinha-se coberto. No meio dos gritos, num grande estrépito de travões, o autocarro estacou diante das arcadas de adobe de um hotel de vidros sujos. Janine desceu e, já na rua, sentiu-se vacilar. Acima das casas, via um minarete amarelo e grácil. À sua esquerda, recortavam-se já as primeiras palmeiras do oásis e apeteceu-lhe ir até lá. Porém, embora fosse quase meio-dia, o frio era penetrante e o vento fê-la tremer. Virou-se para Marcel mas o que viu foi o soldado vir na sua direção. Ficou à espera do seu sorriso ou do seu cumprimento. O soldado passou por ela sem a olhar e desapareceu. Quanto ao marido, estava ocupado com o desembarque da mala dos tecidos, uma mala de viagem negra, alcandorada no tejadilho. Não ia ser fácil. O motorista estava sozinho a tratar das bagagens e já interrompia o trabalho, de pé lá em cima, a arengar perante o círculo de albornozes reunido em torno do autocarro. Janine, cercada de rostos que pareciam talhados em osso e em couro, perseguida por gritos guturais, sentiu repentinamente o seu cansaço.

– Vou subir – disse a Marcel, que interpelava o motorista com impaciência.

Entrou no hotel. O dono, um francês magro e taciturno, veio recebê-la. Conduziu-a ao primeiro andar, a uma galeria sobre a rua, a um quarto onde parecia não haver mais que uma cama de ferro, uma cadeira lacada de branco, um guarda-fato sem cortinas e, atrás de um biombo de verga, uma casa de banho com o lavatório coberto por um pó de areia fino. Quando o homem fechou a porta, Janine sentiu o frio que vinha das paredes nuas e caiadas. Não sabia onde pousar a mala, onde se pousar a si mesma. Teria de se deitar ou permanecer de pé, em qualquer dos casos tiritar. Ficou de pé, com a bolsa na mão, de olhos fixos numa espécie de seteira aberta para o céu, junto ao tecto. Estava à espera, não sabia de quê. Apenas sentia a solidão, e o frio que a penetrava, e um peso maior à altura do coração. Sonhava, na verdade, quase surda aos ruídos vindos da rua de mistura com fragmentos da voz de Marcel, e mais atenta, pelo contrário, ao rumor de rio que entrava pela seteira e que o vento fazia nascer nas palmeiras, agora, parecia-lhe, tão próximas. Então o vento pareceu redobrar, e o doce murmúrio de águas tornou-se bramido de ondas. Janine imaginou, para lá das paredes, um mar de palmeiras direitas e flexíveis, encapelado no temporal. Nada se assemelhava ao que tinha esperado, mas estas ondas invisíveis refrescavam-lhe os olhos fatigados. Continuava de pé, pesada, de braços pendentes, um pouco curvada, com o frio a subir-lhe pelas pernas trôpegas. Sonhava com as palmeiras direitas e flexíveis, e com a rapariguinha que tinha sido.

Depois de se arranjarem, desceram à sala de jantar. Nas paredes nuas, tinham pintado camelos e palmeiras, submersos numa pasta cor-de-rosa e violeta. As janelas de arcada deixavam entrar uma luz escassa. Marcel foi informar-se acerca dos comerciantes locais junto do dono do hotel. Depois, foram servidos por um velho árabe, que exibia, no seu dólman, uma condecoração militar. Marcel estava preocupado e ia desfazendo o seu pedaço de pão. Não deixou a mulher beber água.

– Não a fervem. Bebe vinho.

Janine não gostava daquilo, o vinho entorpecia-a. Além disso, havia carne de porco na ementa.

– O Corão proíbe, mas o Corão não sabia que o porco bem cozinhado não transmite doenças. Nós, os franceses, percebemos de cozinha. Estás a pensar em quê?

Janine não pensava em nada, ou talvez pensasse nessa vitória dos cozinheiros sobre os profetas. Mas tinha de se despachar. Tornavam a partir pela manhã, ainda mais para sul: restava a tarde para falar com todos os comerciantes de relevo. Marcel apressou o velho árabe a trazer o café. O homem anuiu com um aceno de cabeça, sem sorrir, e retirou-se em passos miúdos.

– Devagar, devagarinho e parado – disse Marcel a rir. O café acabou por chegar. Beberam-no de um trago e saíram para a rua poeirenta e fria. Marcel chamou um rapazito árabe para o ajudar a carregar a mala, mas, por uma questão de princípio, regateou o preço. A sua opinião, que, uma vez mais, comunicou a Janine, radicava, com efeito, no princípio obscuro segundo o qual eles pedem sempre o dobro para que lhes demos a quarta parte. Janine, pouco à vontade, seguia-os a ambos. Ves-

tira uma peça de lã sob o casacão e sentia-se demasiado volumosa. A carne de porco, conquanto bem cozinhada, e o pouco vinho que bebera também a faziam sentir pesada.

Contornavam um pequeno jardim público de árvores poeirentas. Cruzavam-se com árabes que se abrigavam nas abas dos albornozes sem parecerem vê-los. Mesmo quando andrajosos, Janine achava-lhes um ar de orgulho que os árabes da sua cidade não tinham. Ia seguindo a mala, que abria caminho através da multidão. Passaram a porta de uma muralha de terra ocre e desembocaram num pequeno largo ornado das mesmas árvores minerais e cingido, ao fundo, no sentido do comprimento, por lojas e arcadas. Detiveram-se, no entanto, a meio do largo, junto de uma pequena construção em forma de obus, caiada de azul. Lá dentro, na sua única divisão, iluminada apenas pela porta de entrada, encontrava-se, atrás de um balcão de madeira lustrosa, um velho árabe de bigode branco. Estava a servir chá, erguendo e baixando a chaleira sobre três pequenos copos coloridos. Antes de poderem distinguir fosse o que fosse na penumbra da loja, já o aroma fresco do chá de hortelã acolhia Marcel e Janine no limiar. Transposta a soleira, atravancada com as suas grinaldas de chaleiras de estanho, xícaras e bandejas, tudo enleado em expositores de postais, Marcel achou-se junto do balcão. Janine ficou à entrada. Afastou-se um pouco para não tapar a luz. Nesse momento, vislumbrou, por trás do velho comerciante, na penumbra, dois árabes que os olhavam sorrindo, sentados nas sacas a abarrotar que preenchiam por completo os fundos da loja. Das paredes pendiam tapetes vermelhos e negros,

lenços de seda bordados, e o chão estava semeado de sacos e caixinhas cheias de sementes aromáticas. Sobre o balcão, em torno de uma balança de pratos de cobre reluzentes e de um velho metro com os entalhes sumidos, alinhavam-se pães de açúcar, um dos quais, liberto das suas faixas de espesso papel azul, já estava encetado no cume. O cheiro a lã e a especiarias que flutuava na divisão surgiu por detrás do perfume do chá quando o velho comerciante pousou a chaleira no balcão e os cumprimentou.

Marcel falava precipitadamente, na voz baixa com que tratava de negócios. Depois, abriu a mala, mostrou os tecidos e os lenços de seda, afastou a balança e o metro para estender a mercadoria diante do velho comerciante. Enervava-se, elevava o tom de voz, ria de maneira desordenada, como uma mulher que quer agradar mas se sente pouco segura de si. Agora, com as mãos bem abertas, representava por gestos a compra e a venda. O velho abanou a cabeça, passou a bandeja do chá aos dois árabes atrás de si e disse escassas palavras que pareceram desanimar Marcel. Este pegou nos seus panos, amontoou-os na mala e enxugou, na testa, um suor improvável. Chamou o pequeno carregador e dirigiram-se para as arcadas. Na primeira loja, se bem que o mercador tivesse afectado o mesmo ar olímpico, foram um pouco mais bem sucedidos.

– Dão-se uns grandes ares – disse Marcel, – mas são vendedores como eu! A vida está má para todos.

Janine seguia-o sem responder. O vento já quase não soprava. Aqui e ali, o céu ia clareando. Dos poços azuis cavados na espessura das nuvens descia uma luz fria e brilhante. Tinham deixado para trás o largo. Ca-

minhavam por ruelas, ao longo de muros de terra dos quais pendiam as rosas apodrecidas de Dezembro ou, a espaços, seca e bichosa, uma romã. Pairava no bairro um perfume de poeira e café, o fumo de uma fogueira de cascas de árvore, um odor a pedra e a bedum. As lojas, abertas nos próprios muros, ficavam longe umas das outras; Janine sentia pesarem-lhe as pernas. Mas já o marido, pouco a pouco, serenava, começava a vender e tornava-se mais conciliador; chamava-lhe «pequena», a viagem não ia ser em vão.

– Claro – dizia ela – falar directamente com eles é melhor.

Voltaram para o centro por outra rua. A tarde ia avançada, o céu estava praticamente limpo. Pararam no largo. Marcel esfregava as mãos, contemplava enternecido a mala junto deles.

– Olha – disse Janine. Do outro extremo do largo, aproximava-se um árabe imponente, magro, vigoroso, coberto por um albornoz azul-celeste, com umas botas amarelas macias, de luvas nas mãos, erguendo alto o rosto aquilino e bronzeado. Somente o cheche que trazia a fazer de turbante permitia distingui-lo dos oficiais franceses dos Assuntos Indígenas que Janine algumas vezes admirara. Avançava a passos regulares na direcção do grupo, mas parecia olhar além, enquanto descalçava devagar uma das luvas.

– Este aqui deve julgar que é general – disse Marcel encolhendo os ombros. Sim, ali todos tinham o mesmo ar altivo, mas aquele, realmente, exagerava. Com todo o largo vazio à sua volta, avançava direito à mala, sem a ver, sem os ver. Então a distância que os separava diminuiu rapidamente e o árabe já estava mesmo em

cima deles quando Marcel, de um sacão, agarrou na pega da mala e a puxou para trás. O outro passou, sem parecer dar por nada, e continuou no mesmo passo a caminho da muralha. Janine olhou para o marido. Estava com o seu ar desconcertado.

– Agora acham que podem fazer tudo o que lhes apetece – disse. Janine não respondeu. Detestava a estúpida arrogância daquele árabe e, de repente, sentia-se infeliz. Queria ir-se embora, pensava no seu pequeno apartamento. A ideia de voltar para o hotel, para aquele quarto gelado, tirava-lhe o ânimo. Lembrou-se então de que o dono do estabelecimento a tinha aconselhado a subir à açoteia do forte, de onde se via o deserto. Disse-o a Marcel, acrescentando que podiam deixar a mala no hotel. Ele, porém, estava cansado, queria dormir um pouco antes do jantar.

– Por favor – disse Janine. O marido olhou-a, subitamente atento.

– Claro que sim, querida.

Ela esperou-o na rua, defronte do hotel. A multidão, vestida de branco, era cada vez mais numerosa. Não se via uma única mulher e Janine supunha nunca ter visto tantos homens. No entanto, nenhum a olhava. Alguns, parecendo não a ver, voltavam lentamente para ela o rosto magro e escuro que, aos seus olhos, os tornava a todos parecidos, o rosto do soldado francês do autocarro, o do árabe das luvas, um rosto ao mesmo tempo matreiro e altivo. Voltavam esse rosto para a estrangeira, não a viam e, ligeiros e silenciosos, passavam à volta dela e dos seus tornozelos que começavam a inchar. E crescia o seu mal-estar, a necessidade de ir embora. «Mas porque foi que eu vim?» Marcel, então, desceu.

Eram cinco da tarde quando subiram a escadaria do forte. O vento caíra por completo. O céu, inteiramente limpo, era agora de um azul de pervinca. O frio, mais seco, picava-lhes as faces. A meio das escadas, um árabe velho, encostado ao muro, perguntou se queriam que os guiasse, mas sem se mexer, como se à partida estivesse seguro da sua recusa. As escadas eram altas e íngremes, apesar dos vários patamares de terra batida. À medida que subiam, o espaço ia-se ampliando e os dois ascendiam numa luz mais e mais vasta, fria e seca, na qual cada som do oásis chegava até eles com uma pureza distinta. O ar iluminado parecia vibrar em seu redor, numa vibração mais e mais longa à medida que avançavam, como se a sua passagem fizesse nascer no cristal da luz uma onda sonora que igualmente se fosse ampliando. E, no instante em que, chegados à açoteia, de súbito o olhar se lhes perdeu, para além do palmar, na imensidão do horizonte, pareceu a Janine que o céu inteiro retinia numa só nota sonante e breve, cujos ecos pouco a pouco encheram o espaço acima dela, antes de abruptamente se calarem para a deixar em silêncio perante a vastidão sem limites.

De leste a oeste, com efeito, o seu olhar movia-se lentamente, sem encontrar um só obstáculo, ao longo de uma curva perfeita. Lá em baixo, sobrepunham-se as açoteias azuis e brancas da povoação árabe, ensanguentadas pelas manchas vermelhas escuras dos pimentos a secar ao sol. Não se via ninguém, mas, dos pátios interiores, juntamente com o fumo aromático do café torrado, elevavam-se vozes galhofeiras ou incompreensíveis sons de passos. Um pouco mais longe, o palmar, dividido por muros de argila em quadrados

desiguais, marulhava nas folhas altas sob o efeito de um vento que não se sentia já na açoteia do forte. Mais longe ainda, estendendo-se até ao horizonte, principiava, cinzento e ocre, o reino das pedras, onde vida nenhuma despontava. Apenas se viam, a pouca distância do oásis, junto do curso de água ocasional que, a oeste, orlava o palmar, grandes tendas negras. A toda a volta, uma cáfila de dromedários imóveis, minúsculos àquela distância, formava no solo pardo os caracteres sombrios de uma estranha escrita por decifrar. Acima do deserto, o silêncio era vasto como o espaço.

Janine, com todo o corpo apoiado ao parapeito, estava sem voz, incapaz de se furtrar ao vazio aberto à sua frente. Ao lado, Marcel agitava-se. Tinha frio, queria descer. Que mais havia ali para ver? Ela, porém, não conseguia tirar os olhos do horizonte. Aí, ainda mais a sul, no ponto onde o céu e a terra se uniam numa linha pura, aí, parecia-lhe de súbito, esperava-a qualquer coisa que até então ignorara mas que nem por isso deixara de lhe faltar. Na tarde que avançava, ia-se a luz diluindo; de cristalina, tornava-se agora líquida. Ao mesmo tempo, no coração de uma mulher que o mero acaso ali conduzira, um nó que os anos, o hábito e o tédio tinham apertado começava lentamente a desfazer-se. Janine olhava o acampamento dos nómadas. Nem sequer vira os homens que nele viviam, nada bulia entre as tendas negras e, contudo, não parava de pensar neles, nesses homens de cuja existência até àquele momento mal suspeitara. Sem casa, afastados do mundo, eram um pequeno bando a vaguear pelo vasto território que o olhar dela descobria e que, no entanto, não passava de uma parte irrisória de um espaço ainda maior,

com o vertiginoso ponto de fuga milhares de quilômetros mais a sul, onde o primeiro rio fecunda enfim a floresta. Sobre a terra seca, roída até ao osso, daquele país desmesurado, havia homens que desde sempre caminhavam sem descanso, que nada possuíam mas não serviam ninguém, senhores miseráveis e livres de um estranho reino. Janine não sabia por que razão esta ideia a enchia de uma tristeza tão doce e tão vasta que a fazia fechar os olhos. Sabia apenas que esse reino lhe estava prometido desde o início dos tempos mas que jamais seria o seu, jamais, senão talvez no instante fugidio em que voltou a abrir os olhos para o céu repentinamente imóvel e para as suas ondas de luz coagulada, enquanto as vozes que ascendiam da povoação de súbito se calavam. Pareceu-lhe que o curso do mundo tinha parado e que ninguém mais, daí em diante, iria envelhecer ou morrer. A vida estava doravante suspensa em todos os lugares menos no seu coração, onde, nesse preciso momento, alguém chorava de dor e de assombro.

Mas a luz pôs-se de novo em movimento, o Sol, nítido e sem calor, declinou para o poente, que se avermelhou um tanto, enquanto a leste se formava uma onda parda, pronta a espriar-se lentamente sobre a extensão desmedida. Uivou um primeiro cão e o seu grito distante ergueu-se no ar, agora ainda mais frio. Janine apercebeu-se então de que estava a bater os dentes.

– Estamos a morrer de frio – disse Marcel. – Que parvoíce! Vamos lá embora. – Pegou-lhe, porém, desajeitadamente na mão. Agora dócil, ela afastou-se do parapeito e seguiu-o. O árabe velho das escadas, imóvel, ficou a vê-los descer de volta à povoação. Janine caminhava sem ver ninguém, curvada sob um cansaço

imenso e brusco, arrastando o corpo, cujo peso lhe parecia agora insuportável. Abandonara-a a exaltação de há pouco. Naquele momento, sentia-se demasiado grande, demasiado espessa, demasiado branca, também, para esse mundo em que acabava de entrar. Uma criança, a rapariguinha, o homem seco, o chagal furtivo eram as únicas criaturas a poder pisar silenciosamente essa terra. Nela, que poderia Janine fazer, daí em diante, senão ir-se arrastando até ao sono, até à morte?

Arrastou-se, com efeito, até ao restaurante, junto de um marido ora taciturno, ora a queixar-se do cansaço, enquanto ela mesma lutava debilmente contra um resfriado, sentindo a febre subir. E arrastou-se ainda para a cama, aonde Marcel veio ter com ela, apagando a luz de imediato, sem mais. O quarto estava gelado. Janine sentia o frio invadi-la ao mesmo tempo que a febre aumentava. Custava-lhe a respirar, o sangue corria sem a aquecer; dentro de si, crescia uma espécie de medo. Voltava-se nos lençóis e a velha cama de ferro rangia sob o seu peso. Não, não queria ficar doente. O marido já dormia e ela também tinha de dormir, tinha de ser. Os ruídos abafados da povoação chegavam até ela através da seteira. Os velhos gramofones roufenhos dos cafés mouros nasalavam árias que reconhecia vagamente e lhe eram trazidas por um rumor mole de multidão. Tinha de dormir. Mas contava tendas negras; atrás das suas pálpebras, pastavam camelos imóveis; dentro dela remoinhavam solidões imensas. Sim, porque viera? Foi com esta pergunta que adormeceu.

Acordou pouco depois. O silêncio em seu redor era total. Porém, nos limites da povoação, cães roucos uivavam na noite muda. Janine estremeceu num arrepião.

Voltou-se uma vez mais sobre si mesma, sentiu contra o seu o ombro duro do marido e, num ímpeto, meio a dormir, enroscou-se nele. Vogava à tona do sono sem nele mergulhar, agarrando-se àquele ombro numa avidez inconsciente, como ao seu porto mais seguro. Falava, mas a boca não emitia qualquer som. Falava, mas mal se ouvia a si mesma. Apenas sentia o calor de Marcel. Havia mais de vinte anos, noite após noite, assim, no seu calor, sempre os dois, mesmo doentes, mesmo em viagem, como agora... De resto, que teria ela ficado a fazer sozinha em casa? Sem filhos! Não seria isso que lhe faltava? Não sabia. Seguia Marcel, mais nada, satisfeita por sentir que alguém precisava dela. Marcel não lhe dava outra alegria que não a de saber-se necessária. Claro que não a amava. O amor, mesmo rancoroso, não tem este rosto encrespado. Mas que rosto terá? Só de noite se amavam, sem se verem, tacteando. Haverá outro amor que não o amor nas trevas, um amor gritado à luz do dia? Janine não sabia, mas sabia que Marcel precisava dela e que ela precisava que ele dela precisasse, que disso se nutria dia e noite, sobretudo à noite, noite após noite, quando ele não queria ficar só, nem envelhecer, nem morrer, com aquele ar obcecado que fazia e que ela reconhecia às vezes no rosto de outros homens, o único ar comum àqueles loucos que se camuflam em ares de razão até que o delírio deles se apodere e os lance desesperadamente num corpo de mulher para nele afogarem, sem desejo, o que a noite e a solidão lhes mostram de aterrador.

Marcel mexeu-se um pouco, como para se afastar dela. Não, ele não a amava, apenas tinha medo de tudo o que não era ela, e havia muito que os dois deveriam

ter-se separado e dormir sós até ao fim. Mas quem consegue dormir sempre só? Há quem o faça, homens que a vocação ou o desgosto isolaram dos outros e que passaram a deitar-se todas as noites na cama da morte. Mas nunca Marcel seria capaz, logo ele, menino fraco e indefeso, sempre assustado com a dor, o seu menino, justamente, que dela precisava e que, nesse momento, soltou uma espécie de gemido. Ela apertou-se um pouco mais contra ele, pousando-lhe a mão no peito. E, de si para si, chamou-o pelo nome carinhoso que dantes lhe dava e que, de longe em longe, ainda usavam, sem já pensar no que diziam.

Chamou-o com toda a sua alma. Também ela, no fim de contas, precisava dele, da sua força, das suas pequenas manias, também ela tinha medo de morrer. «Se eu vencesse este medo, seria feliz...» Logo uma angústia sem nome a invadiu. Descolou-se de Marcel. Não, não vencia coisa nenhuma, não era feliz, ia morrer, na verdade, sem ter sido libertada. Doía-lhe o coração, sufocava sob um peso imenso que descobria de repente vir arrastando havia vinte anos e sob o qual se debatia agora com todas as suas forças. Queria ser libertada, ainda que Marcel e ainda que os outros nunca o fossem! Desperta, ergueu-se na cama e pôs-se à escuta de um apelo que lhe pareceu muito próximo. Porém, dos confins da noite, provinha somente a voz extenuada e infatigável dos cães do oásis. Tinha-se levantado um vento fraco, cujas águas Janine ouvia correr ligeiras no palmar. Vinha do sul, de onde o deserto e a noite agora se fundiam sob um céu de novo imóvel, onde a vida se detinha e ninguém mais envelhecia nem morria. Então as águas do vento calaram-se e ela nem teve a certeza

de ter ouvido alguma coisa, além de um apelo mudo que, no fundo, conseguia silenciar ou ouvir à sua vontade, mas cujo sentido jamais conheceria se não lhe respondesse naquele instante. Naquele instante, sim, que isso, ao menos, era claro!

Levantou-se devagar e permaneceu imóvel, junto da cama, atenta à respiração do marido. Marcel dormia. De imediato o calor da cama a abandonou e o frio se apossou dela. Vestiu-se lentamente, procurando a roupa às apalpadelas na luz ténue que vinha, através das persianas, dos candeeiros da rua. Com os sapatos na mão, foi até à porta. Esperou outro momento, no escuro, e abriu-a devagar. A maçaneta rangeu e ela estacou. O coração batia-lhe loucamente no peito. Apurou o ouvido e, tranquilizada pelo silêncio, rodou um pouco mais a mão. A rotação da maçaneta pareceu-lhe interminável. Abriu enfim a porta, esgueirou-se para fora, e tornou a fechá-la com as mesmas precauções. Então, com a face colada à madeira, esperou. Daí a pouco, ouvia, longínqua, a respiração de Marcel. Voltou-se, recebeu em pleno rosto o ar gelado da noite e correu ao longo da galeria. A porta do hotel estava fechada. Enquanto abria o ferrolho, o guarda-nocturno surgiu ao cimo dos degraus, estremunhado, e falou-lhe em árabe.

– Volto já – disse Janine, e lançou-se na noite.

Do céu negro, tombavam cachos de estrelas sobre as palmeiras e as casas. Janine corria ao longo da curta avenida, agora deserta, que conduzia ao forte. O frio, não tendo já de lutar contra o Sol, tinha invadido a noite; o ar gelado queimava-lhe os pulmões. Mas Janine corria, meio cega, na escuridão. Ao cimo da avenida,

contudo, surgiram luzes, que desceram até ela ziguezagueando. Parou, ouviu um esvoaçar de asas de insecto e, por trás das luzes que iam aumentando, viu por fim enormes albornozes sob os quais faiscavam as rodas frágeis de bicicletas. Os albornozes passaram rente a ela; no negrume, atrás de si, surgiram três luzes vermelhas, para logo desaparecerem. Janine retomou a sua corrida em direcção ao forte. A meio da escadaria, a queimadura do ar nos pulmões tornou-se tão lancinante que ela quis parar. Um último impulso, porém, arremessou-a involuntariamente para a açoteia, de encontro ao parapeito que agora lhe comprimia o ventre. Estava ofegante e tudo se lhe esfumava diante dos olhos. A corrida não a tinha aquecido, ainda tremia da cabeça aos pés. Mas o ar frio que engolia às golfadas não tardou a correr regularmente dentro dela e um calor tímido começou a nascer no meio dos arrepios. Abriam-se-lhe enfim os olhos para os espaços da noite.

Nenhum sopro, nenhum som, senão, por vezes, o crepitar abafado das pedras que o frio reduzia a areia, vinha perturbar a solidão e o silêncio que envolviam Janine. Pouco depois, todavia, pareceu-lhe que uma espécie de rotação pesada movia o céu lá no alto. Na espessura da noite seca e fria, formavam-se milhares de estrelas sem descanso e os seus estilhaços de gelo cintilantes, mal se destacavam, principiavam a deslizar insensivelmente para o horizonte. Janine não conseguia arrancar-se à contemplação desses fogos à deriva. Girava com eles e uma mesma marcha imóvel a reunia, pouco a pouco, ao seu ser mais profundo, onde o frio e o desejo agora se defrontavam. Diante dela, as estrelas caíam, uma a uma, indo extinguir-se entre as pedras do

deserto, e a cada uma Janine se abria à noite um pouco mais. Respirava, esquecia o frio, o peso dos seres, a vida absurda ou parada, a longa angústia de viver e de morrer. Após tantos anos a correr desvairadamente, acosada pelo medo, sem uma meta, detinha-se por fim. Ao mesmo tempo, parecia-lhe reencontrar as suas raízes, a seiva subia de novo no seu corpo, que já não tremia. Cingindo o ventre todo ao parapeito, estendida para o céu em movimento, esperava apenas que o coração, ainda em sobressalto, se apaziguasse por seu turno e que o silêncio se fizesse dentro dela. As últimas estrelas das constelações deixaram cair os seus cachos um pouco mais baixo no horizonte do deserto, e imobilizaram-se. Então, com uma doçura insuportável, a água da noite começou a encher Janine, submergiu o frio, subiu-lhe aos poucos do centro obscuro do ser e transbordou em vagas ininterruptas até à sua boca repleta de gemidos. No instante seguinte, o céu estendia-se inteiro sobre ela, derrubada sobre a terra fria.

Quando Janine regressou, com as mesmas precauções, Marcel não tinha acordado. Mas resmungou quando ela se deitou e, segundos depois, sentou-se bruscamente na cama. Falou e ela não compreendeu o que dizia. Levantou-se e acendeu a luz, que a fustigou em pleno rosto. Dirigiu-se cambaleante para o lavatório e bebeu demoradamente da garrafa de água mineral que aí se encontrava. Ia enfiar-se nos lençóis quando, já com um joelho na cama, a fitou, sem compreender. Janine chorava, lavada em lágrimas, sem conseguir conter-se.

– Não é nada, querido – dizia ela – não é nada.

Ethan Coen

Os rapazes

Tradução de José Lima

Ethan Coen (1957-) nascido no Minneapolis, nos EUA, é conhecido sobretudo pelos filmes que realizou, juntamente com o irmão Joel Coen. Combinando humor e boa escrita em guiões fortes e inovadores, filmados, pelo menos no início da sua carreira, com opções claramente “pós-modernas”, os irmãos Coen legaram-nos filmes como *Blood Simple* (1983) *Raising Arizona* (1987), *Miller's Crossing* (1990), *Barton Fink* (1991), *Fargo* (1996), *The Big Lebowski* (1998), *O Brother, Where Art Thou?* (2000), *The Man Who Wasn't There* (2001), *The Lady Killers* (2004). O conto aqui incluído, bem dentro das demarcadas fronteiras do género *short story*, revela um contista seguro e subtil. O texto foi publicado em 1998 na revista americana *The New Yorker*, e faz parte do livro de contos *Gates of Eden*, editado no mesmo ano.

Porquê o Festival Cavalu Maluco? O pai deduziu que a palavra “festival” despoletara qualquer coisa na cabeça de Davey, e agora tinha conseguido que até o irmão, Bart – o fleumático Bart – ficasse entusiasmado. O cartaz dizia que se realizava no campo da feira de Sturgis, no Dakota do Sul, às 9 horas do dia 17 de Agosto – daí a três dias, mesmo no fim da viagem de campismo. O cartaz estava afixado há tanto tempo que era difícil perceber a lista de eventos que faziam parte do dia de festa, mas aparentemente iria ser uma comemoração com teatro, contadores de histórias e canções indígenas americanas sobre a vida e o tempo do grande chefe guerreiro Lakota.

O pai sentiu a bÍlis no fundo da garganta mal Davey começou a falar naquilo. Quando disse ao rapaz que não podiam ir, Davey desatou a repetir sem parar: “Papá, eu ainda percebia se houvesse uma *razão*”. O pai ficou furioso tanto com a expressão insuportável

como porque a razão, muito embora *bonnesse* uma, era uma razão de pura e mortificante inconveniência, uma ideia que não se conseguia fazer entender a um miúdo de oito anos. Ir ao festival significava levantar-se às seis horas no último dia, desmontar a tenda, arrumar o equipamento de campismo e guiar hora e meia na direção oposta à de casa. E depois, se realmente ficassem lá o dia todo, à volta tinham de passar outra noite os três num motel rasca.

Lembrava-se do cheiro a lixívia do quarto do motel em que tinham dormido a caminho das Black Hills, onde estivera sentado todo rígido num cadeirão molhado pelo fato de banho de um dos rapazes, tentando ler um livro, mas sem conseguir mais do que ficar indefinidamente de olhos pregados na mesma página a ouvir o matraquear e o zumbir de uma máquina de gelo ao longe. Estivera a pensar na série de tarefas irritantes que a viagem de campismo lhe reservava: tinha de encher os colchões de ar, tirar as pedras de debaixo do colchão de um dos filhos, fingir que tirava as pedras de debaixo do colchão do outro filho que ficara entretanto ressentido, fazer uma fogueira, fazer a fogueira maior, fazer a fogueira mais pequena, dar à fogueira uma forma diferente, acompanhar cada um dos filhos até à “cassinha” a meio da noite, distender o ombro a procurar debaixo dos assentos brinquedos e fetiches importantes, esfregar os estofos para limpar a laranja e o vomitado, e além disso prover às necessidades dos filhos, reais e imaginadas, ouvindo ao mesmo tempo as incessantes sugestões e queixas do Davey. Conseguira com isto pôr-se num estado em que furiosamente se recriminava por ter concordado em levar os rapazes às Black

Hills, quando se ouviu no quarto ao lado um sonoro e gaseificado movimento intestinal. Davey guinchara de riso. Mais tarde, jantaram os três num café anexo ao hotel, Bart arroz, Davey devorando um Stroganoff viscoso, e o pai debicando uma sanduíche de carne. Ainda mais tarde, com as crianças a dormirem ao lado dele, todos esparramados, de boca aberta, o pai sentara-se na cama a ver um *talk-show* desfocado na televisão com o volume no mínimo. Os convidados – as putas e os choramingas do costume do mundo do espectáculo – não lhe interessavam, mas o programa inane conseguiu de certo modo transformar a súbita fúria em vagas mais pequenas de cólera e depressão, que lhe percorriam o corpo como a água sobre uma pedra achatada e lisa.

Bart, que finalmente aprendera a ler, mas que decidira fazê-lo apenas em ocasiões inesperadas, era três anos mais novo do que Davey e tinha vindo a desenvolver um interesse obsessivo pela “Rua Sésamo”. Gostava de todos os livros e vídeos, mas há uns meses que o seu interesse máximo ia para um catálogo dos produtos Rua Sésamo. Preferia o catálogo a qualquer produto propriamente dito e sentava-se debruçado sobre ele horas a fio, examinando cada página atentamente. Quando chegava à última página, olhava-a, voltava-a, estudava demoradamente a parte de trás da capa, depois virava o catálogo e começava de novo. Teimava com os pais para que reparassem o mínimo rasgão com fita-cola e, por causa disso e das muitas dobras e vincos que se tinham acumulado ao longo dos meses, o catálogo tinha agora quase o dobro da espessura original.

Quando Bart soube que havia um parque temático da Rua Sésamo, chamado Sesame Place, na Pensilvânia,

começara logo a agitação para ir visitá-lo e, quando lhe disseram que ficava longe demais para lá ir, tinha feito uma birra preocupante. Ficara rígido, com as veias do pescoço salientes e primeiro a cara e depois o corpo ficaram vermelhos. Birras como esta, pior do que todas as que fizera até então, tornaram-se crónicas. E ficava possuído a tal ponto que os pais temeram que fosse uma espécie de convulsão. Levaram Bart a um pediatra e provocaram uma crise, arrancando-lhe das mãos o catálogo da Rua Sésamo. O médico observou a crise e disse-lhes que não havia perigo, mas sugeriu que talvez a criança fosse imatura. Todos, excepto Bart, sentiram que tinham feito figura de parvos.

Mas a campanha para a visita a Sesame Place não consistia só em birras. Quando Bart falava, não falava de outra coisa. A vida em família passou a ser uma discussão infernal e interminável sobre Sesame Place. Bart era uma rocha – pequeno, casmurro, inamovível, desviando o rumo de qualquer conversa para um único objectivo nirvânico. Finalmente, os pais cederam e passaram lá um fim-de-semana, os dois aborrecidos, Davey indiferente, Bart em transe. Cirandou agarrado ao catálogo, olhos arregalados, a absorver tudo. A cabeça girava em movimentos bruscos de robô a um lado e a outro, concentrando-se em cada uma das personagens da Rua Sésamo que surgissem à vista, desenhados em tabuletas, anúncios de atracções, quiosques de recordações, ou nas *t-shirts* dos outros visitantes. Embora Bart nunca sorrisse nem desse sinal de se estar a divertir, deixou o parque com um ar de uma profunda satisfação de alma.

A viagem de campismo decorreu como se esperava. Na penúltima noite Davey acordou realmente o pai para que o ajudasse a encontrar o roupão e o escoltasse até à “casinha”; por qualquer razão, não urinava ao ar livre contra uma árvore. Mesmo na “casinha”, Davey só fazia chichi depois de o pai pegar num pau para enxotar uns bichos viscosos com umas carapaças esquisitas que se banquetevavam no esterco e depois tinha de manter a lanterna assestada no pénis de Davey para ele poder ver o que estava a fazer. Quando voltaram para a tenda e o pai se tinha enfiado de novo no saco-cama, foi convocado logo a seguir para se levantar e voltar ao caminho da “casinha” com a lanterna, para procurar um cromo com uma gravura das tribos índias dos Dakotas que tinha caído do bolso do roupão de Davey e, assim que regressaram, Bart decidiu que também tinha de ir à “casinha”. A meio caminho, o pai, temendo ter de passar mais dez minutos à paulada às carapaças dos bichos do esterco, convenceu Bart a fazer chichi contra uma árvore, mas Bart acabou por fazer chichi sobretudo na aba do roupão, donde lhe pingou para o sapato. O pai teria de se levantar cedo na manhã seguinte – o que não era um problema em si mesmo, pois que nunca conseguiria voltar a adormecer – para poder passar o roupão e o sapato por água do rio antes de fazer o pequeno-almoço.

O pequeno-almoço implicava a utilização de variados tachos e frigideiras, porque Davey só comia flocos de aveia e Bart havia de fazer uma birra se não tivesse uma omelete com doce. Enquanto esperava que os ovos ficassem prontos, o pai procurava destrinçar qual fora o passo errado na sua vida que o levava ao ponto em

que só podia arriscar-se a sair para a natureza armado com uma frigideira para omeletes e um grande boião de doce Smucker de ameixa. Tinha tendência para se ver, nestes amargos momentos de paranóia, como um rato numa experiência comportamental, complexa e cruelmente inútil. O casamento, a criação dos filhos, e mesmo o acto físico do sexo, surgiam-lhe como trémulas compulsões, sujeitas ao frio exame de algum clínico superior. A sua alienação latente atingiu o clímax na manhã seguinte quando, depois de ter desmontado a tenda, posto tudo no carro, e andado metade do caminho até Sturgis para irem ao Festival Cavalo Maluco, Davey disse: “Papá, o carro está a arder.”

Era verdade. Sempre que paravam, saíam penachos de fumo de debaixo da carroçaria; o retomar do movimento dispersava o fumo, que deixava de se ver. O maxilar do pai ficou rígido e apertou mais as mãos ao volante. Abrandou a velocidade durante o resto da viagem até Sturgis e entrou devagar no que parecia ser a única estação de serviço da cidade. Um homem enrugado e grisalho com o nome “EGON” cosido no macacão de mecânico fitava o pai com os seus olhos de um azul claro, enquanto ele descrevia o problema. O mecânico disse secamente ao pai que ia “diagnosticar o caso” e o pai puxou Bart do banco traseiro, onde ele estudava o seu catálogo Rua Sésamo. Egon entrou no carro e, com a porta ainda aberta e a perna esquerda a arrastar por fora, levou-o para o elevador mecânico, deixando o pai e Bart sentados no escritório da estação de serviço em duas cadeiras metálicas, com um forro verde-hortelã rasgado, de onde brotava um enchimento branco sujo. Enquanto Bart retomava o estudo do

catálogo Rua Sésamo, o pai pegou num jornal de Rapid City. Verificou com irritação que não trazia notícias, apenas artigos com títulos como “INVESTIDORES APOIAM EMPREITEIRO DE ATERRO” e “GENEROSIDADE DE UM CASAL PAGA IDA DE CRIANÇA PARA CAMPO DE FÉRIAS” e outros do género, e que as duas páginas da secção de artes consistiam de meia página de pequenos anúncios de remédios para a queda de cabelo e textos de agências com biografias resumidas das putas e dos choramingas do costume do mundo do espectáculo. Enquanto folheava o jornal, no escritório ouvia-se tilintar ruidosamente uma campanha sempre que Davey, lá fora, pulava para cima e para baixo da cinta do pneu.

Egon entrou daí a pouco, limpando as mãos a um trapo sujo, o cabelo grisalho muito ondulado salpicado de óleo preto. Davey entrou a correr atrás dele e pôs-se ao lado do pai, pôs a mão no braço do cadeirão dele, a olhar para cima enquanto Egon explicava em termos breves o problema. A transmissão, ao que parece, estava a verter líquido em cima do tubo de escape e quando o tubo aquecia o líquido queimava. Era uma fuga lenta, e Egon tinha acrescentado um quarto de líquido de transmissão; podiam continuar a usar o carro até terem uma oportunidade de reparar a fuga, desde que fossem controlando o nível do líquido. O pai agradeceu-lhe, pagou e recebeu, pensou ele, um olhar particularmente carrancudo quando perguntou o caminho para o terreiro da feira.

– Papá – disse Davey quando voltaram para o carro e já estavam a rodar de novo – aquele homem tinha o cabelo todo empastado.

Passava das nove e meia quando entraram no vasto terreno de terra batida que era o parque de estacionamento da feira. Estava vazio. Uma cerca baixa de estacas separava o estacionamento da feira propriamente dita, que era outra extensão de terra batida, igualmente vazia.

Enquanto Bart lia sentado no carro em ponto morto, de onde saíam penachos de fumo, o pai e Davey contemplavam o terreno vazio. Os passarinhos pipilavam.

– Papá, que é que se passa?

No caminho de regresso à cidade a paisagem parecia palpitar com o sangue a latejar atrás dos olhos do pai. Entrou na estação de serviço e Egon emergiu do escritório, sem expressão.

O pai baixou o vidro, pôs a cabeça de fora e engoliu a baforada de ar quente que vinha do capô, com o oxigénio todo queimado. “Não há um festival índio ali na feira?”

Egon fitou-o. “O ano passado”, disse ele.

O sol matinal reflectia-se violentamente na fórmica e no cromado do Sturgis Diner, onde decidiram tomar o pequeno-almoço antes da viagem de volta. O pai franziu os olhos quando a empregada chegou e perguntou-lhe se tinha uma aspirina.

– Não podemos dar aspirina aos clientes.

Ele olhou-a espantado. “Porquê?”

– Podiam pôr-nos um processo.

O pai assentiu com a cabeça, como que a reconhecer que a afirmação fazia sentido. Passados uns instantes, disse: “Uma salada de frutas para mim”. Indicou

Davey com a cabeça: “Flocos de aveia para ele”. Indicou Bart: “E para ele uma omelete com dois ovos”.

– Ele quer dois ovos?

– Quer.

– Como é que os quer?

– Hã? Uma omelete.

– Em almelete?

– *Uma* omelete, uma omelete com dois ovos.

– Umm...

– Uma omelete, está a ver?

– Que é isso?

– Não sabe o que é uma omelete?

– Não.

– Bem, diga só ao cozinheiro. Ele sabe. São ovos, como ovos mexidos, mas não se remexem na frigideira. Uma omelete.

– Vou perguntar. – A voz dela era seca, como se desconfiasse de alguma partida.

Quando ela se afastou, Davey disse: “Não podem fazer uma omelete para o Bart, papá?”

– Vão fazer uma omelete. – Em casa, a mãe de Bart deitava uma data de doce de ameixa da Smucker nos ovos quase prontos antes de dobrar a omelete, mas perceberam que nos restaurantes – que, em geral, não faziam omeletes com doce – Bart os deixava encomendar uma omelete simples e depois espalhar o doce por cima. Mas este era o primeiro sítio que não servia omeletes de espécie nenhuma. E pior ainda, como num episódio absurdamente banal de “Twilight Zone”, nem sequer sabiam o que isso era.

Bart também gostava de arroz. Na verdade, tirando as omeletes com doce, Bart só gostava de arroz. Deitava *ketchup* no arroz e misturava-o, esmagando-o com

um garfo. Chamavam-lhe arroz espanhol e uma vez num restaurante espanhol mandaram vir para Bart o tal arroz propriamente dito. Ele comeu uma garfada, cuspiu-a e desatou aos berros. O pai deu-lhe uma estalada, Bart pôs-se a guinchar mais alto e atirou o prato ao chão. O pai agarrou-o e levantou-o da mesa com um puxão, precipitou-se para fora do restaurante, espezinhando arroz espanhol pela carpete de um vermelho escuro, com Bart debaixo do braço como uma bola de rãguebi.

A empregada voltou. “Bem, o cozinheiro sabe o que é, mas não está no menu”.

– OK, mas ele pode fazer uma?

– Não está no menu.

– Mas o cozinheiro sabe fazer uma?

– O senhor desculpe, mas não está no menu.

– Espere aí. Você foi lá ver se ele podia fazer uma omelete. Ele disse-lhe que *podia* fazer uma omelete. No fundo, ainda dá *menos* trabalho do que ovos mexidos.

– Isso não sei – disse, falando com idêntico vagar. – Ele diz que sabe o que isso é. Mas... Não está no menu. Não servimos almelete.

Davey ria-se à socapa; Bart continuava absorvido no seu catálogo.

– Você já sabia que não estava no menu. Mas mesmo assim admitiu a ideia de a servir. Foi lá ver se era possível. Por isso, é porque admitia a ideia de servir uma coisa que não estava no menu.

A empregada semicerrava os olhos sem compreender. “Eu *quê?*”

O pai engoliu a sua fúria. “Está bem – disse ele. – Está bem”. – Procurou concentrar-se. Que faria Adolfo

Hitler nesta situação? Ou José Estaline? Tentou imaginar Hitler ao balcão com um boné de basebol e fato-macaco, a mexer o café, o traseiro esparramado num banco. Mas era difícil imaginar o que é que, ao certo, Hitler faria. As diferenças culturais eram muitas.

– Está bem – disse o pai. – Traga-nos dois ovos mexidos. E peça só ao cozinheiro que não os remexa na frigideira.

A empregada observou-o atentamente e, depois de uma pausa muda, arrancou o menu das mãos dele e afastou-se.

– Eles vão fazer uma omelete ao Bart, papá?

– Vão.

A empregada estava a falar com o cozinheiro atrás do balcão enquanto prendia o talão de encomenda numa roda metálica giratória. O cozinheiro devia ser uma pessoa muito baixa – não se via dele senão o topo de um barrete branco a acenar que sim.

– Ela disse que não *fazeriam*.

– Ela disse que não *faziam*. Mas fazem.

– Que é que eles têm? São tapados ou quê?

O pai bebeu um golinho de café. A dor atrás dos olhos tinha diminuído e a vaga de irritação estava a recuar. Esperou pacientemente que desaparecesse, concentrando-se nela enquanto refluiu, já sem se sentir ameaçado. Agora estava controlado. Era ténue, muito ténue; ele era como um grande *yogui* ouvindo o bater do seu próprio coração.

Finalmente, a empregada voltou. Pôs uma tijela com flocos de aveia em frente de Davey, um copo alto com salada de frutas de lata em frente do pai, e dois ovos estrelados em frente de Bart. E desapareceu.

Bart levantou os olhos do catálogo Rua Sésamo e fixou-se nos ovos cintilantes. Os ovos vibraram ligeiramente quando um camião passou com estrondo lá fora.

O pai observava, nas garras geladas do medo, preparando-se para a birra de Bart. Tentou acalmar o seu terror, imaginando-se a forçar a empregada a atravessar as portas batentes da cozinha e, com uma mão torcer-lhe o braço atrás das costas e enfiar-lhe a cara numa frigideira cheia de ovos estrelados, dando-lhe depois ao pescoço um vigoroso movimento de batedeira, fazendo-a bater os ovos com o nariz enquanto ela chorava baba e ranho.

Mas nesse caso também não seria uma omelete.

Enquanto Bart continuava a considerar os ovos, a empregada voltou com um pires com duas fatias de tosta de pão branco, barradas com manteiga e já flácidas, cortadas diagonalmente a meio. “Vem com os ovos”, disse ela e afastou-se.

Bart, estranhamente, não perdera a serenidade. Os olhos corriam a mesa à procura, como se percebeu depois, do doce; tirou uma embalagem de doce do suporte de plástico onde havia várias empilhadas. Pegou numa fatia de tosta e barrou-a cuidadosamente, enquanto ela descaía sobre a mão; ia rodando a mão para barrar a fatia toda. Depois de acabar, virou a tosta para barrar o outro lado.

Davéy comia os flocos, os olhos postos no prato do irmão. “Isto não é uma omelete – disse ele. – Vamos reclamar, papá?”

Bart começou a comer a tosta e voltou ao seu catálogo. O pai bebia devagar o café.

– Papá? Isto não é uma omelete.

Quando Bart acabou de comer a tosta, começou a beber o sumo da salada de frutas do pai. Engasgou-se com grande espalhafato e entornou uma boa dose de sumo e da sua própria baba na *t-shirt*, e o pai ajudou-o a despi-la, com Bart segurando o catálogo, primeiro com uma mão e depois com a outra, à medida que cada braço ficava livre.

Foi andando calmamente para o carro enquanto o pai e Davey iam à caixa para pagar. A empregada registou a conta e, ao pegar no dinheiro, lançou-lhe um mecânico “estava tudo a seu gosto?”

O pai ficou a olhar para ela.

Davey olhou para o pai, olhou para a empregada, percebeu que a ponte de comunicação tinha ido pelos ares, e atirou a sua própria corda por cima do abismo: “Nem pensar, dona... aquilo não era uma omelete”.

O pai fez uma careta, enquanto a piedade substituíra o desdém na expressão da empregada. Via-se que achava Davey malcriado, mas que não se podia esperar outra coisa de uma criança com um pai tão grosseiro.

Mas Davey era assim mesmo. Mais misteriosos eram os pesadelos com gritos, que ele não conseguia descrever. Deixavam entrever que parte do seu estranho comportamento era para esconjurar o terror. Uma vez tinha copiado meticulosamente de uma enciclopédia a tabela periódica, com todos os elementos devidamente organizados e enumerados, cada um com o respectivo símbolo e o número atómico. Davey mostrara o papel ao pai, dizendo: “Olha, papá, estão aqui todos os elementos que há no mundo”. O pai ficara comovido com o cuidado posto na escrita e a rigorosa enumeração de todos os elementos, desde o hidrogénio até ao califórnio

e o einsteinio. Querendo encorajar o rapaz, perguntara-lhe se gostaria de ter um estojo de química. “Claro, papá”. O pai também tivera em criança um estojo de química. Ainda se lembrava de o usar para fazer anil, embora já não se lembrasse do que fosse o anil.

Tinha comprado o estojo de química para Davey, que ficou por abrir no quarto dele, e o pai compreendeu que o copiar da tabela periódica não se deveria a qualquer curiosidade intelectual de Davey – que o miúdo não tinha nenhuma – mas que fora simplesmente um acto obsessivo. Era o género de coisas que Bart poderia vir a fazer também daí a três anos, só que Bart não havia de procurar reconhecimento nem elogios. E não só nunca mostraria ao pai a sua tabela periódica, como provavelmente gritaria se alguém tentasse sequer olhar para ela.

Quando saíram para o parque de estacionamento, Davey disse: “Eh pá, isto é mesmo uma parvónia, hã, papá?”

Estava sol e o tempo estava quente. Bart estava sem *t-shirt* junto à porta traseira do carro, esperando pacientemente, tornado diminuto pelas montanhas de cumes brancos. Tinha os olhos postos no catálogo aberto, cuja lombada apoiara na curva da barriga saliente. Estudava-o, com o doce e o sumo a brilhar no queixo, o catálogo a subir e a descer com a respiração dele.

Davey repetia: “Isto é uma parvónia, hã, papá?”

O carro não estava fechado à chave, mas uma das particularidades de Bart era nunca entrar num carro. Tinham de lhe abrir a porta e só então se prestava a que o içassem desajeitadamente para dentro, como uma efígie do Príncipe Carlos a caminho do Museu de

Madame Tussaud. Escalava e descia mesas, cadeiras, balcões – tudo, menos subir para um carro. O pai pôs-se a pensar nisto, e não pela primeira vez. Sentiu um aperto no peito. Que se passava com os rapazes? Sentiu crescer a raiva contra eles e contra um mundo que de certeza faria deles uns falhados; de um, um lambe-botas e do outro, um mudo. Porque havia a decepção de se propagar por mais uma geração, nesse cruel *snapp-travelling* por uma corda interminável abaixo?

– Papá, podemos acampar outra vez hoje? E voltamos para casa amanhã?

Que lhe queriam eles? Quem eram eles?

– Papá?

Gianni Celati

Notícias aos Navegantes

Tradução de José Lima

Gianni Celati (1937-) nasceu em Sondrio, na Lombardia, vivendo actualmente entre Londres e Bolonha, onde ensinou Literatura Anglo-Americana. Um conto publicado numa revista valeu-lhe um convite de Calvino para escrever para a editora que então dirigia, onde veio a publicar o seu primeiro romance (*Comiche*, 1971), que Calvino prefaciou. Seguem-se vários livros, alguns deles premiados, que o consagram como um dos escritores mais originais da actual literatura italiana. A obra de Celati inclui romances, como *La Banda dei Sospiri* (1976), *Lunario del Paradiso* (1979); ensaios como *Finzioni Occidentali: Fabulazione, comicità, scrittura* (1975); traduções de autores como Swift, Mark Twain, Stendhal, Céline; e livros de contos, como *Le avventure di Guizzardi*, Premio Bagutta '72; *Narratori delle pianure* (1984), *Quattro novelle sulle apparenze* (1987), *Verso la foce* (1989), e *Cinema naturale* (2001), de onde foi extraído o conto (*Notizie ai naviganti*) publicado neste número de *Ficções*. Calvino chamou aos contos de Celati “histórias de observação”, que se desenvolvem “em torno de representações do mundo visível e, mais propriamente, em torno da profunda passagem do mundo interior para o exterior, que parece ser a mudança que melhor caracteriza a década de Oitenta”.

Esta história fala de um médico que todos os domingos ia andar de barco à vela com um amigo e a quem aconteceu a aventura de ser possuído por vozes. Certa noite, há alguns anos, voltava ele de um passeio de barco à vela com o amigo e as respectivas mulheres, quando lhe tocou ficar no convés para o seu turno ao leme, enquanto os outros dormiam nos beliches em baixo. A lua brilhava, o mar estava calmo, havia o vento do costume que soprava de terra, e na escuridão o médico ouviu vozes que lhe falavam distintamente ao ouvido. Como não estava ninguém com ele, pode imaginar-se o espanto, de o deixar suspenso à escuta, contendo a respiração, sem perceber o que se estava a passar.

Eram vozes de mulher que lhe chegavam muito claras, como se falassem atrás dele. Vinham de terra, de uma distância de pelo menos dez quilómetros, trazidas pelo vento num canal de ar que tornava possível tal

fenómeno. Passados os primeiros momentos de surpresa, o médico compreendeu que se tratava de uma conversa entre duas mulheres ao longe. Distinguia bem a voz de uma mulher idosa e a de uma mais nova, talvez filha dela. Provavelmente falavam as duas ao ar livre. Durante o breve tempo em que o canal de ar que trazia aqueles sons permaneceu aberto, no meio das correntes ventosas que se encontravam e se misturavam dali até à costa, conseguiu apreender ou imaginar muitíssimas coisas. As palavras vindas de longe deram-lhe a entender que as duas mulheres estavam sem recursos, que a filha tinha de fazer uma operação porque sofria de cálculos renais, e que a operação iria deixá-las em dificuldades pois não tinham nenhuma assistência.

Pode parecer estranho que tenha sido capaz de compreender tudo isto, mas dá-se o caso de o nosso médico se ocupar todos os dias de questões do género, tendo-se especializado no tratamento de doenças renais. Só, ao luar, conseguiu traçar um quadro da situação, e inclusive formular um diagnóstico para a mulher mais nova. Desaparecidas as vozes, ficara incapaz de pensar noutra coisa, imóvel ao leme, mesmo depois de ter terminado o turno dele. Diz que se sentia fascinado pela voz da mulher mais nova, uma voz de mulher muito decidida, que lhe dava vontade de a ajudar. Como? Dava-se o caso de ter acabado de chegar ao hospital dele um novo tratamento, que não era caro, que se estava a experimentar, com o qual os cálculos renais se dissolviam dispensando a operação, e de o tratamento ser gratuito por se estarem a estudar os seus efeitos secundários.

É um homem que sempre quis ajudar os outros, e é esse o seu defeito, diz ele. Terminado o turno ao leme

ficara ali a reflectir, e veio-lhe a ideia de procurar a mulher mais nova, ainda que não soubesse onde nem como. Queria procurá-la, queria explicar-lhe o tratamento, oferecer-lhe a solução gratuita para os problemas dela. As duas mulheres deviam morar na costa em frente, e devia ser possível encontrá-las num sítio ou noutro, segundo ele. Diz que de um momento para o outro o cérebro desatara a funcionar a grande velocidade, abrindo-se a ideias que de outro modo lhe teriam parecido estranhas, embaraçosas. De resto, tudo na vida lhe servia para evitar que lhe surgissem ideias do género, incluindo o amigo, a mulher e o barco à vela. Um mundo sem ar, diz, no qual sofria de enxaquecas e de ligeiros estados confusionais. Não valia a pena contar a história das vozes ao amigo, que só pensava no barco à vela, nem à mulher, que muito facilmente se enciumava. Não falou naquilo a ninguém. O passeio concluiu-se na habitual indolência do regresso, e no dia seguinte o médico voltou ao trabalho no hospital como de costume.

Passam algumas semanas. Uma tarde, sem dar por isso, meteu-se no carro e foi até *** à procura do ponto de onde lhe tinham chegado as vozes nocturnas. No litoral já despovoado naquela estação, pôs-se a vaguear sem saber a quem se dirigir. Cafés meio vazios, blocos de casas que pareciam ao abandono, painéis comerciais postos ali por ninguém, e umas lojecas que expunham colchões pneumáticos e bóias em forma de cisne, com vendedores de ar enfastiado pela ausência de clientes. Toda esta melancolia do mundo levou-o a mudar de direcção. De resto, as duas mulheres deviam ser pobres, não podiam morar em zonas turísticas como aque-

las. Deviam morar nas aldeias do interior, mais despovoadas e rústicas. Por isso decidiu continuar as buscas para o interior, começando pelos velhos casarões que despontavam ao longo das estradas de terra. Casarões velhos e derrocados, perdidos no meio dos campos, até ao horizonte que sobe até ao perfil de colinas. No horizonte ao longe, vazio a perder de vista, via-se um ou outro charco onde florescia nenúfares, junquinhos, caniços.

Andava de quinta em quinta, batendo porta a porta, para perguntar por uma certa Milena que sofria de cálculos renais. Isso de a mulher mais nova se chamar Milena foi uma coisa que lhe veio à ideia de repente, ao remoer sobre as vozes que ouvira naquela noite. Mas sabia bem que era um nome muito duvidoso, parecia-lhe tê-lo ouvido no ar, só isso. Ou então tinha sonhado com ele nas visões nocturnas que acompanhavam a sua busca de casa em casa. Eram visões de quintas, de casais abandonados, de cães a ladrar, de velhas de bengala em antros escuros como os da Sibila. Agora sonhava muito à noite, uma novidade para o nosso médico. Tudo estava suspenso no ar, não tinha outros indícios além do nome, e os moradores das casas quinteiras não percebiam o que procurava ele.

“Quem procura?” – “Uma tal Milena.” – “Milena quê?” – “Não sei, uma que sofre de pedras nos rins.” – “Aqui não há ninguém assim.” – “E por aí? Não ouviu falar nada?” – “Mas que procura o senhor, pode-se saber?” Acabavam por suspeitar dele. Tomavam-no por alguém que andasse a estudar os locais para ir roubar as casas, ou por algum vendedor ambulante que lhes queria vender alguma coisa. A cara que os moradores dos casarões lhe faziam era demasiado dura para ele,

homem baixo, delicado, gorducho, com um princípio de úlcera até. Diz que se via obrigado a voltar para o carro a toda a pressa, com a inquietação, o embaraço. Os velhos pareciam-lhe ressequidos, e não se viam jovens por ali. As mulheres vestidas de preto agitavam de maneira estranha os braços para afastar as moscas, para afastar os pensamentos, ou para mostrarem que não tinham tempo para estar a falar com ele. Os cães ladravam dos pátios, por toda a parte.

Afastava-se com passos cambaleantes, vinham-lhe à ideia visões da vida naqueles sítios. Por exemplo, a ideia de ali em redor haver antros escuros habitados por bruxas, como os da Sibila. Ou então via-se nas cozinhas enormes daqueles casarões, e a apalpar uma daquelas mulheres vestidas de preto. Apalpava-a por baixo das saias, apalpava-lhe as mamas, arrastava-a para cima de uma cama para a montar à pressa e depois fugia. Eram assim as visões que lhe vinham à cabeça certos dias enquanto rodava pelo campo, diz o médico, e certos dias sentia-se possuído, e começava a sentir-se cansado da sua pena. Mas ao vaguear de carro de um lado para o outro mal tinha meio dia livre, acontecia que se sentia cada vez mais afeiçoado àquele nome, Milena. Diz que quanto mais pensava nele mais lhe parecia o nome certo, porque soava bem ao ouvido. Mal o pronunciava para si mesmo, ouvia a voz decidida da mulher que buscava. Parecia-lhe ouvi-la de perto, como quando lhe tinha chegado de um ponto ignoto da costa. Bastava parar numa estrada no meio dos campos, sentado no carro com a cabeça entre as mãos para se concentrar e tinha a impressão de ouvir nitidamente aquela voz da terra como se a ouvisse no rádio.

Procurou a ignota Milena pelas aldeias o Outono todo, rodando de carro dois ou três tardes por semana, sem nunca falar disso a ninguém. Mas no princípio do Inverno tinha parado porque a sua busca era realmente demasiado insensata, diz ele. Tinha até apanhado uma bronquite, a juntar a um lumbago que o fazia coxear um pouco. Só que, quando regressou a Primavera, juntamente com a febre dos fenos, voltou-lhe a mesma fantasia e sentiu-se novamente possuído, divagando muito sobre a voz que tinha ouvido no barco. “Estou possuído, estou possuído”, dizia de si para si, enganando-se no caminho a cada cruzamento, espirrando a cada momento. E agora no hospital metia baixas por doença para andar à procura da ignota Milena, recomeçando a partir do litoral turístico.

Estava-se em plena Primavera, mas vagueando ao longo do litoral o nosso médico via tudo cinzento à volta dele, entre os chalés de férias que desfilavam, hotéis de férias, lojas para veraneantes, instalações balneares e lugares públicos apenas frequentados no Verão. Parecia um planeta desabitado, com tabuletas de lojas que nos olhavam a cada esquina, candeeiros inúteis que se acendem ao crepúsculo, avenidas geométricas com fachadas angulosas e umas pobres árvores sufocadas no meio de um deserto de asfalto. Escutava as conversas nos cafés e ouvia falar de fortunas na lotaria, de novas marcas de automóvel, de jogos de futebol, de pessoas ricas e famosas. Um mundo sem ar, diz ele. Mas agora também as suas voltas lhe pareciam desesperadas, como alguém surpreendido por uma tempestade muito longe de qualquer abrigo. Desesperada a convivência com a mulher a quem não tinha nada

para dizer, nem aos filhos pouco simpáticos, com más notas na escola, nem ao amigo que só falava de barcos à vela, nem ao enfatuado do seu director clínico que queria comprar uma aldeia numa encosta. Sim, uma aldeia só para ele, apanhado pelo delírio dos novos ricos que grassava entre todos os médicos do serviço.

O médico andava de carro e ia contando a si próprio a sua vida, como indubitavelmente todos fazem – contam a si mesmos a própria vida para confirmar terem razão. Mas para ter razão até ao fim tinha absolutamente de encontrar a ignota Milena, ou então outra mulher com aquela voz decidida que julgava ainda ouvir junto ao ouvido. Era aquela a voz da mulher que devia mudar a vida dele, segundo a quiromante Egle. Porque um dia era isso que deveria acontecer, mudar de vida e partir estrada fora, como se tudo estivesse já escrito na ordem das coisas. Era esse mesmo o parecer da quiromante Egle e ele ia vê-la uma vez por semana, quarta-feira à tarde, numa sala empoeirada cheia de flores secas, entrando pelas ruínas de um palacete rodeado de ervas daninhas, no bairro antigo da cidade.

Também por causa das enxaquecas que o atormentavam e o princípio de úlcera que não conseguia curar, não tinha já forças para andar à toa em busca de uma mulher desconhecida. Agora procurava-a com método. A quiromante Egle orientava-o para pontos localizados no mapa graças ao seu pêndulo mágico. E no início da Primavera tinha já circunscrito uma zona dos arredores, onde procurar o rasto da ignota Milena. Mas onde quer que fosse o médico parava e punha-se à es-

cuta, esperando ouvir vozes como as que ouvira no barco à noite. Precisava de ouvir vozes da terra. Uma outra vidente, ou antes uma cartomante, de nome Marilù, confirmou-lhe que aquelas vozes eram o destino.

Era um homem baixo, gorducho, de olhar assustado e claramente possuído por alguma coisa. Tornara-se impaciente com os colegas de hospital e na vida familiar, pela mudança que o destino parecia prometer-lhe, tornara-se brusco e intratável. Havia noites em que ao sair do hospital ia dar uma volta de carro pelo litoral, apenas para deitar a cabeça de fora da janela e gritar ao vento: “Quero vozes de terra, vozes de terra! Meu Deus, por favor, peço-te!” E depois sentia-se completamente insensato, de tal modo insensato que lhe chegava a parecer inútil continuar no mundo.

Não sabia o que procurava, nem se interrogava sobre o assunto, e nem falava nele a ninguém, tirando a quiromante Egle que ia ver todas as quartas-feiras à tarde. As buscas com o pêndulo sobre o mapa eram a única maneira de descobrir onde poderia morar a ignota Milena, que segundo a cartomante Marilù devia estar doente e precisar de ajuda. Diziam-no as cartas, nas quais a ignota Milena aparecia frequentemente como a papisa, ainda segundo a senhora Marilù. “Está a ver aqui?” – “O quê?” – “A papisa. Vê o que está ao lado?” – “Não, o que é?” – “Esta é a carta das desgraças dela.” – “De quem?” – “Da mulher de quem anda à procura. Vê o dois de espadas?” – “Vejo.” – “Esse é você que a vai ajudar a escapar.”

Tento imaginar estes diálogos com a cartomante, uma mulher loira oxigenada de meia idade, gorda e expansiva, com muito bêtton nos lábios, que lhe fazia

sempre profecias favoráveis. Tão favoráveis que ele quase só pensava naquilo, diz ele, esquecendo todo o resto, sem já se importar com os contornos das coisas. Esquecia os locais por onde passava e as horas do dia, descobrindo com surpresa estar no hospital enquanto visitava os doentes, ou então quando guiava pelos campos desertos, ou em família à mesa comendo a sopa em silêncio. Encontrava-se num sítio ou noutra, fazendo tudo mecanicamente, imerso nos seus pensamentos e pressentimentos. Mas diz que ninguém se apercebia, pois que em contrapartida se mostrava mais eficiente e preciso do que nunca no trabalho, e parecia até mais sério e responsável em casa, graças àquele estado de sonâmbulo.

Chegamos agora a um momento importante da história, de novo no Outono. Nos campos desertos, a poucos quilómetros do litoral, existe uma zona para onde desde há algum tempo a quiromante encaminhava o nosso médico, graças ao pêndulo oscilante por cima do mapa. Antes da subida que dá para os montes e a serra, ao longo de uma estrada rural, avista-se um descampado com pedaços de asfalto arrancados, rodeado de uma barreira de arame farpado. Para lá da barreira e no fundo do descampado vêem-se umas ruínas de cimento. É uma antiga fábrica de cimento, abandonada há muito tempo. Na parte de cima dos muros despontam os suportes de ferro enferrujados, como furúnculos nos restos de betão. Uma velha ruína sem nome, exposta aos ventos e às chuvas. As ervas daninhas crescem altas nos buracos do asfalto e por cima dos blocos de cimento. Mas porque será que o médico meteu na ideia que as vozes que ouviu no barco à vela deviam ter

vindo destas ruínas? Não exactamente das ruínas, diz, mas de detrás das ruínas.

Num café na aldeia vizinha, o dono zarolho, ouvindo dizer que ele andava à procura de uma tal Milena, parece que lhe respondeu: “Milena quê? Milena, a gigante?” – “Não sei, deve ser uma que sofre dos rins.” – “Bem, a Milena é doente, mas de quê não sei.” – “E onde mora?” – “Onde era a antiga fábrica, mas atrás, junto ao canal”. É isso que conta o nosso doutor, que aqui imagino quando andava às voltas com um impermeável fora de moda, os ombros descaídos, o ar cansado. Nessa altura tinha-lhe aparecido também um pouco de asma, com frequentes faltas de respiração. No entanto, o lugar sugerido pelo dono do café coincidia com a área localizada pela quiromante Egle por meio do pêndulo, e também com a ideia com que ele ficara na noite do barco à vela. Quer dizer que ficava no raio de cerca de vinte quilómetros, de onde se podiam ouvir vozes de terra. E durante uma tarde inteira tentou chegar à parte de trás das ruínas da fábrica, seguindo as indicações do dono do café, mas sem perceber onde poderia estar a estradinha de serviço que devia tomar, no meio daquele dédalo de estradas de terra batida.

No entardecer outonal viu-se junto ao arame farpado, diante das ruínas da fábrica, enquanto a noite ia caindo e deu-lhe a impressão de ouvir vozes vindas de terra. Ou julgou ouvi-las, pois que muitas vezes provocava tais alucinações quando queria. O ar estava completamente parado, nem morno nem frio. Estava para chover, caíam umas gotas. Então baixou-se e encostou o ouvido ao chão, no asfalto. Veio-lhe o suor à testa, diz ele, ao pensar que a famosa Milena estava ali a dois

passos e que ele ia finalmente encontrá-la. Com uma lanterna, passou por baixo do arame farpado, passou os maciços de ervas daninhas, as ruínas da fábrica abandonada. Atrás das ruínas surgiu um daqueles casebres do campo, com uma chaminé exterior de tijolos escalavrados. Um velho casebre baixo, junto ao canal imerso nas trevas, e era ali que desembocava a estradita de serviço de que tinha andado à procura.

O que se terá passado aquela noite, não sei. Parece-me que o médico teve uma falha de memória, ou talvez não tenha querido falar nisso. Mas enfim, adiante. Passaram alguns meses e na Primavera o nosso médico pôs-se a escrever a história do que lhe tinha acontecido no ano anterior. Contava como uma noite tinha ouvido vozes de terra no barco à vela e as suas buscas para descobrir a pista da ignota Milena, e os pensamentos que lhe tinham ocorrido enquanto andava nessa procura pelos campos. Quando ficava de serviço no hospital fechava-se no gabinete e passava a noite a escrever, muito satisfeito, diz. Em parte para desabafar e falar daquilo que não podia contar a ninguém, enclausurado numa vida que parecia sem esperança, com a mulher infeliz com as ausências dele, os filhos cada vez mais embrutecidos em frente da televisão, o director clínico cada vez mais no delírio de novo rico.

Todas as noites, depois do trabalho no hospital, fazia muitos quilómetros para ir ao casebre na margem do canal, com a chaminé exterior e as paredes escalavradas. Ao chegar pela estradinha de serviço via a mãe da tal Milena a espreitar da janela. Era uma daquelas mulheres do campo vestidas de preto, e mal ele saía do carro encontrava-a imóvel à porta, fitando-o e

saudando-o com um aceno da cabeça. Diz ele que tinha de apressar o passo com o embaraço que aqueles olhares lhe criavam. A mulher ficava na penumbra a fixá-lo com o olhar fixo, como se ele fosse um animal que é preciso ter de olho por ser de esperar alguma surpresa. Pesada, cheia, vestida de preto até aos joelhos, com meias pretas a chegar ao joelho. Não se percebia se andava de luto ou se tinha andado de luto a vida toda, diz o médico.

Quando ele se sentava a beber um café à mesa da cozinha, via-a afastar-se movendo pesadamente as ancas e os flancos, sempre sem lhe falar e voltando os olhos para outro lado se se apercebia que a observava. Depois entregava-lhe os papéis onde tinha escrito todas as compras que fizera e o preço da carne, do pão, das revistas, dos medicamentos e dos biscoitos para a filha, com o total do dia a pagar. O médico punha o dinheiro em cima da mesa, enquanto acabava o café e antes de ir visitar a filha. A filha era uma gigante de mais de dois metros, que raramente saía da cama por ser muito doente, muito fraca, gorda e indolente. O médico raramente a via levantada, e quando a visitava ela olhava-o com as pálpebras semi-cerradas, voltando depois os olhos preguiçosamente para o lado. Parecia que as duas mulheres o olhavam como um intruso, diz ele, apesar dos esforços dele para as ajudar a tratar a filha e responder às necessidades delas. Porque é uma pessoa que sempre quis ajudar os outros, e é esse o seu defeito, diz, ou antes a sua desgraça.

O médico tratava a filha das sequelas de uma operação à vesícula biliar e visitava-a todos os dias fazendo-lhe perguntas a que ela apenas respondia com uns

balbucios. Balbuciava com ar cansado, como se ele a viesse incomodar inutilmente, e não queria que ele lhe tocasse nem sequer o pulso para sentir as pulsações. Se ele estendia sequer uma mão, reagia assanhada, com repelões violentos para que não lhe tocasse. O médico tinha de recorrer à mãe para ter indicações sobre os sintomas da filha e então ouvia as duas mulheres trocarem entre si frases em dialecto, de que não distinguia uma única palavra. Cansava-se de perguntar e não fazia mais perguntas, diz, cansava-se de estar sempre a querer ajudar os outros.

Depois da operação à vesícula a gigante não conseguia comer quase nada. Vivia de biscoitos desfeitos no chá ou em água quente com açúcar, e passava o dia vestida com um velho fato de treino azul, a desfolhar revistas ilustradas ou a ver televisão. O médico nunca a ouviu dizer duas frases seguidas, a não ser quando falava em dialecto com a mãe. Diz que lhe parecia indiferente a tudo, mergulhada numa indolência de rapariga gorda e obtusa. Não devia ter trinta anos, mas sendo assim tão gigantesca aparentava uma idade indefinida, tirando a cara que estava já apagada. Quando o médico a visitava, ficava deitada de lado continuando de olhos pregados na televisão, balbuciando à pressa as respostas ou bufando como se ele não passasse de um importuno. Até que por fim ele saía humilhado, sem sequer uma palavra de despedida dela.

Em volta da casa à noite ouviam-se os gritos dos pássaros, o ramalhar dos arbustos, por vezes o marulhar da água no canal e muitas vezes antes de entrar no carro o médico sentia vontade de dar uma volta no escuro, até à fábrica em ruínas, até ao asfalto e ao arame

farpado. Ao regressar espiava na sombra as duas mulheres no quarto, encantado por alguma coisa, diz, sempre possuído e sob a influência dos outros. No quarto a filha estava estendida na cama diante da televisão, imóvel, inerte, grande e pesada, com os cabelos compridos e emaranhados, uma gigante com uma cara que começava a murchar, ainda que jovem e rosada. Por seu lado, a mãe ajoelhada na cama fazia estranhos exercícios com os braços esticados ao alto, como se invocasse a ajuda do céu, e só muito tempo depois o médico percebeu que aqueles exercícios deviam ser uma espécie de ginástica.

Aqui vejo o médico muito titubeante, com um impermeável deformado, a calvície agora pronunciada, quando voltava para o carro e recomeçava a fazer a si próprio as mesmas perguntas de todas as noites. Perguntava-se se aquela Milena que tinha encontrado seria mesmo a mulher que tinha procurado tanto. É certo que se chamava Milena, mas esta não sofria de cálculos renais, mas sim de cálculos na vesícula. E a voz dela seria a mesma que ouviu naquela noite? Talvez, mas esta balbuciava e falava pouquíssimo, era difícil comparar. Ainda por cima a cartomante Marilù mudara a sua interpretação dos factos, e segundo ela as cartas diziam que não era aquela a mulher certa do destino. O médico não conseguia compreender o seu próprio destino e pedia explicações. “Olhe para aqui, vê esta carta?” – “Vejo. Que quer dizer?” – “Cuidado com as mulheres que lhe dão a entender uma coisa em vez de outra.” – “Por exemplo quem?” – “Por exemplo essa Egle, que o mandou para aquelas duas.” – “Mas porquê? Anda a enganar-me?” – “Faz tudo para o ter liga-

do a ela como um súcubo e extorquir-lhe dinheiro, juntamente com aquelas duas.”

Sem deixar de dar razão à senhora Marilù, que visitava às sextas-feiras à noite, ele fazia questão em continuar as consultas das quartas com a quiromante Egle, porque agora era a única que lhe dava razão. Assegurava-lhe que aquela Milena era mesmo a pessoa que procurava, até porque o pêndulo voltava sempre àquele ponto sem nunca se enganar. Depois, todas as noites, a altas horas, ao regressar a casa, recomeçavam as discussões com a mulher. Os filhos olhavam-no como um estranho, um bêbado talvez. Mas porque não conseguia cortar com aquilo? Porque estava possuído, diz, sob a influência dos outros a quem não se pode escapar. E também porque ele é uma daquelas pessoas que sempre quis ajudar os outros, mesmo com prejuízo próprio, diz ele. Possuído como estava, um belo dia decidiu que a vida podia seguir como quisesse, não lhe interessava. Por ele, a partir dessa altura faria o que calhasse, dia a dia, sob a influência dos outros ou levado pelos acontecimentos. Se os outros pensam que dominam a vida, melhor para eles, ele já não acredita nisso. Há-de deixar-se andar, fará tudo o que o seu destino quiser, ainda que não compreenda realmente que vem a ser isso de ter um destino.

Entre outras coisas, o médico agora não conseguia ouvir as vozes de terra que trazia no ouvido quando andava em busca da ignota Milena. Muitas vezes no hospital o telefone tocava e chegavam-lhe ao ouvido vozes desencorajantes, vozes abstractas e rígidas, como se se pusessem em pose a cada frase. Voltava-lhe então o desejo de ouvir vozes de terra, vozes de terra! Rezava

a Deus para que lhe mandasse de novo vozes de terra, e não sempre e apenas vozes do alto, vozes da televisão, vozes de poderosos, ou então vozes de apáticos que citam apenas dados seguros para não serem contestados, ou vozes de gente que quer ser alguém e então imitam as vozes de outros.

A gigante estava sempre na cama, diáfana e obesa, e também carrancuda mal ele entrava no quarto. Exatamente por se sentir repellido, diz o médico, é que cada vez tinha mais vontade de entrar na vida dela, de casar com ela talvez, de se tornar num criado dela. Levava-lhe presentes, caixas de chocolates, vestidos até para que ela se mudasse e não ficasse sempre na cama com o fato de treino. Entrava no quarto com o presente, mostrava-lho sem dizer nada, ela com o dedo fazia-lhe sinal para que o deixasse em cima da cadeira, e voltava de imediato a olhar para a televisão em cima da cómoda. No quarto reinava um cheiro a fechado, a suor, a carne, a lençóis sujos, a flores murchas, mas não o incomodava. Pelo contrário, diz que aquele cheiro lhe dava a única sensação que chegava a sentir de intimidade com a gigante. A mãe vestida de preto vigiava sempre a cena, como se temesse algum ataque à filha. O médico tinha de se voltar para ela: “Como está a Milena?”. A mãe respondia apenas: “Hoje estava enjoada, não consegue comer nada”. Naturalmente os chocolates não eram indicados, faziam mal à doente. Comia-os a mãe. O médico agora apenas fingia tratar da gigante, como os médicos fazem muitas vezes no hospital, diz ele.

É também estranho que, desde o primeiro dia, nenhuma das duas mulheres lhe tenha perguntado porque se interessava por elas. Não lhe tinham pergunta-

do porque se tinha oferecido para levar a gigante ao hospital para ela ser operada à vesícula, nem porque vinha visitá-la todos os dias, porque lhes pagava as contas, porque tinha pago as reparações no telhado. Era como se tudo isso fosse normal. Nunca lhe tinham perguntado quem era, que queria delas, nem lhe tinham agradecido uma única vez. A mãe vigiava-o a todos os momentos, sem voltar a cabeça, pelo canto do olho. Depois da visita à doente, por duas ou três vezes, o médico tentou falar com ela na cozinha, para perceber se eram aquelas as mulheres que tinha ouvido no barco à vela. Conversas impossíveis, porque a mãe respondia a contragosto, com suspiros de enfado. Havia momentos em que o deixava a falar sozinho, levantava-se mexendo as ancas pesadas, os quadris largos, como para mostrar a carne toda que trazia debaixo da roupa. Era a impressão que lhe dava, e diz que ficava excitado a observá-la. Depois ela voltava a sentar-se, olhando para outro lado, como se estivesse aborrecida com a insistência dele. Não compreendia o que ele queria saber. “Que vozes?” – “As vozes que ouvi uma noite.” – “Onde?” – “Ao largo, eu estava num barco.” – “E daí?” – “Quería saber se eram as vossas vozes.” – “Quando?” – “Há dois anos.” – “Não sei.”

No dia seguinte voltava à quiromante Egle, para receber nova confirmação. Mas a certa altura pareceu-lhe que também a quiromante Egle estava farta dele, farta de ter de lhe repetir sempre as mesmas coisas. Além disso, apercebeu-se de que não se parecia nada com uma Sibila, pois se vestia a bem dizer como uma bailadeira, com pulseiras e véus, perfumes e aromas que o envolviam na sala decrépita, com o tecto que metia

água. Com a cartomante Marilù não havia tanta encaenação, mas não mudava a interpretação dos factos. Repetia-lhe que aquela não era a Milena que procurava. Um dia o médico perguntou-lhe: “Mas o meu destino onde está?” – “Qual destino?” – “O que estava nas cartas.” – “Deixe lá as cartas. Oiça o que lhe digo, que o andam a enganar”. Agora não lhe falava como vidente, mas como alguém que faz questão em lhe mostrar a sua honestidade profissional e em não trair os clientes. Não se lembrava sequer que lhe tinha prometido um destino, por isso deixou de ir vê-la nas noites de sexta-feira. De resto, também ela não se parecia nada com uma Sibila, ou pelo menos com as Sibilas que vira nas suas visões nocturnas, nos tempos em que andava pelos arredores.

Tinham-lhe dito que nas montanhas havia verdadeiramente uma velha Sibila, que morava num antro escuro, curava as pessoas, e lia o destino no chumbo derretido dentro de uma bacia. Vivia nas montanhas que se viam a aparecer da casa das duas mulheres, para lá das colinas. Um dia deixou o hospital ao fim da manhã, porque queria ir à procura da velha Sibila e ter um veredicto insuspeito. Por volta da uma hora chegou às ruínas da fábrica de cimento, que parecia cada vez mais derribada, as partes em betão com ar de murcharem ao sol. Aí chegado, decidiu fazer uma paragem e pedir informações à mãe da gigante, para não se perder nas montanhas que não conhecia. Quando chegou em frente da casa, apercebeu-se de que a mãe não devia lá estar, porque não se via a bicicleta dela. A porta estava entreaberta, o resto parecia normal, sem nenhum ruído em redor.

Entra na cozinha, tudo em silêncio. Vê a porta do quarto entreaberta. Vai espreitar da ombreira, e vê a gigante na cama a dormir. Nunca a tinha visto dormir, e também nunca a tinha visto com roupas diferentes do fato de treino. Agora tinha um vestido às flores que ele lhe tinha dado, ou antes tinha-lhe dado o tecido e a mãe dela tinha-o feito. Estava deitada de lado, encolhida, com os joelhos quase junto à cara e as coxas grossas todas descobertas naquela posição. Também a fenda no meio das nádegas estava destapada, entre aqueles dois montes de carne flácida e diáfana. Tinha o polegar junto à boca, como se tivesse acabado de o chupar. Muitas vezes, durante as visitas, o médico tinha-a visto meter o polegar na boca, prendendo-o entre os lábios entreabertos sem o chupar. Agora, deitada encolhida de lado, tinha o polegar junto aos lábios. Mas estava tão distendida e pacífica no seu corpo enorme, tão leve a respiração no sono, que não conseguia deixar de ficar ali a espreitar. Entrou no quarto, onde havia aquele cheiro de flores murchas, de lençóis, o cheiro a roupa suja, a suor. Na cama à volta dela estavam espalhados alfinetes de peito, bonecas, colares, pulseiras, anéis. A rapariga monumental tinha junto ao ventre vários anéis, como se tivesse estado a experimentá-los ainda há pouco.

Deixou-se ficar a contemplá-la sentado numa cadeira, sem que ela se mexesse. Tudo o que havia em torno, todo o mundo em torno da casa e até ao céu, se tinha acalmado ou parado. Diz ele que tudo estava em ordem naquele momento, apesar da confusão no quarto, com meias pelo chão, uma colher suja, restos de biscoitos esfarelados em cima da cama, revistas abandonadas na cadeira. Bastava apenas estar quieto e tudo

ficava calmo e sem desejos, sem ter de se perguntar se a vida vai bem ou mal. Diz que lhe apetecia adormecer, não pensar mais na Sibila das montanhas. Tinha até a impressão de estar já no antro da Sibila que devia dizer-lhe o destino. São coisas que não se podem explicar, diz ele, e eu aqui dou-as como me vêm à ideia. O médico sentia uma grande vontade de dormir, contemplando a rapariga gigantesca que dormia tão sossegada na cama, com uma cara que agora reconhecia, e também ela sem desejos. Uma cara de boneca de celulóide, oval, com uma boca pequena como a das bonecas. Uma cara de rapariga pequena, que nunca cresceu, mas cheio de rugas, como se tivesse uma pele que debaixo da superfície rósea fosse a de uma velha.

Mas no próprio momento em que estava a pensar que talvez fosse ela a Sibila, apercebeu-se que a mãe dela o observava da porta com um ar severo. Recompôs-se e dirigiu-se embaraçado para a saída. Não sabia o que devia fazer. A mãe continuava a tê-lo de olho como se ele tivesse tramado alguma maroteira. Diz ele que naqueles olhares havia a insinuação de que ele tinha querido violentar a gigante, ou tocá-la ou coisa do género, mas de qualquer modo uma censura por o ter apanhado no quarto da filha. A mãe fechou a porta do quarto, devagar, e depois pôs dois pratos na mesa, sempre com os olhos postos nele. Ele não sabia se devia ir-se embora ou ficar, embaraçadíssimo com aqueles olhares. Então a mulher convidou-o a comer a sopa, deitando-a num prato e apontando-lho com um gesto decidido. O médico não tinha fome, mas comeu na mesma. Depois a mãe da rapariga disse-lhe para ir rachar lenha, como uma ordem que não se discute. E durante a

tarde toda esteve a rachar lenha no terreiro atrás da casa, vendo-se à noite com dores nas costas, os ossos moídos, além da enxaqueca. Tinha trabalhado tanto com o machado, que caminhava cambaleante e pediu que o deixasse estender-se.

A mãe apontou-lhe o velho divã com as molas a sair do tecido, onde se deixou cair num sono profundo. Acordou era já noite e em cima da mesa havia um prato de sopa fria, evidentemente deixado ali para ele. As duas mulheres estavam no quarto, de onde lhe chegava o som da televisão. O médico comeu, mas sentia-se tão cansado, com dores de cabeça, que não lhe apetecia voltar para casa. Foi buscar uma manta ao carro e dormiu naquele divã incómodo.

No dia seguinte era domingo, não tinha de ir ao hospital, e desde que acordou a mãe começou a dar-lhe ordens, umas a seguir às outras, sem o olhar de frente, mas vigiando-o pelo rabo do olho, com gestos e palavras que o intimidavam. Para começar, mandou-o acender o lume, depois mandou-o à aldeia fazer as compras, depois acima do telhado ajustar as telhas, e depois tirar um antigo ninho de pássaro na boca da chaminé. À tarde mostrou-lhe um monte de lençóis para levar para a arrecadação, onde estava uma tina cheia de água fumegante e ele ficou a remexer a roupa na tina e depois foi estendê-la nos arames em frente da casa.

Diz ele que estava a ficar com o fígado inchado, com enjoos, além da enxaqueca e de um dente que lhe doía. À noite não lhe apetecia nada comer, mas comia a sopa do costume, e só queria fugir, mas estava completamente exausto. Nos dias que se seguiram, a mãe dava-lhe ordens continuamente, como quem falasse a um

criado. Não lhe dava sequer tempo de visitar a filha e mal ele entrava em casa punha-o a trabalhar. Mas porque voltava àquela casa? Não se sabe. E assim teve de levar a lenha rachada para a cozinha, tirar todos os garrafões e lavá-los, andar nas traseiras da casa a destruir as tocas das toupeiras, deitar insecticida para os escaravelhos na arrecadação, cavar a horta, descascar batatas, limpar a chaminé e fazer muitos outros trabalhos de que não me lembro. Mal acabava uma tarefa, a mulher dava-lhe outras ordens com alguma palavra seca, e ele obedecia sem saber por quê. De cada vez ficava especado, depois olhava-a a afastar-se remexendo o traseiro enorme no vestido preto, meneando os quadris com todo o seu peso. Mas acontecia sempre que ela se voltava para surpreender aqueles seus olhares desajeitados. Parecia que lhe lia os pensamentos, que o dominava mesmo quando estava virada para outro lado. Cada vez mais incomodado, com a enxaqueca e as dores de dentes, o médico lembrava-se de que a cartomante Marilù lhe tinha previsto que viria a tornar-se escravo das duas mulheres.

Mas depois mesmo ao voltar a casa dele sentia-se dominado pela mãe vestida de preto, e parecia-lhe que continuava a receber ordens dela, que tinha de fazer tudo depressa no hospital para ir a correr receber novas ordens à casa junto ao canal. Entretanto sentia que os braços lhe ficavam frouxos, a calvície ganhava terreno no cimo da cabeça e não tinha tempo para ir ao dentista tratar os dentes. Com os colegas do hospital não trocava já nenhuma palavra, a não ser por imperativa necessidade e eles olhavam-no como um falhado, um desgraçado que nunca faria carreira. Quando voltava a casa

a mulher ficava amuada durante horas e depois de repente punha-se a suspirar: “Mas onde vais tu? Onde passas a noite? Tens uma amante? Diz-me, que ao menos fico com o coração tranquilo”. E a ele dava-lhe para responder apenas: “Porque não morro eu? Porque não morro?”

Não lhe apetecia continuar em casa e anunciou à mulher que tinha uma amante e que ia para casa dela. Mas disse-lho ao telefone, para não ficar também à mercê das lágrimas dela, porque os outros tinham o poder de o dominar completamente. Na casa junto do canal não lhe agradava muito dormir no incómodo divã de molas, que lhe furavam as costas. Falou nisso à mãe da gigante e ela uma noite pegou num candeeiro a petróleo e foi com ele às ruínas da fábrica, onde havia no primeiro andar um grande hangar de cimento cheio de escombros, com uma tarimba a um canto. Alguém devia ter dormido ou morado ali, porque se viam cinzas de uma fogueira, lenha queimada, as janelas tapadas com plásticos. Enquanto estavam ali, com o candeeiro de petróleo no chão espalhando uma luz fraca no meio das sombras, diz o médico que compreendeu que era um escravo. Não apenas súcubo, mas escravo da situação que tinha criado com a sua mania de ajudar os outros. Não podia voltar para casa, porque seria escravo da outra situação que tinha criado em família.

A mãe vestida de preto punha um cobertor na tarimba e ele fixava-a de trás, num estado de perturbação. As grandes nádegas dela, com a carne tremulante debaixo da roupa, em certos momentos excitavam-no. Quando lhe passou perto, estendeu a mão para a tocar, aflorou-lhe o flanco. Ela não disse nada, voltou-se a

fixá-lo com um olhar severo, à espera dos movimentos dele. Então diz o médico que o assaltou a ideia de inverter a situação, de a comprar, de a prender pela trela, apoiando-se na ganância dela. Sacou da carteira algumas notas das maiores e pô-las em cima da tarimba. Tremia todo, diz ele, mas queria dominá-la, submetê-la à sua vontade, e compreender finalmente qual era o seu destino. Nem ele sabe como conseguiu recuperar o sangue frio, embaraçado com a situação, para fazer um sinal com a cabeça a indicar a cama. Ela percebeu, pegou no dinheiro e enfiou-o no seio, depois começou a tirar o vestido sempre de olho nele e depois deixou-se montar em silêncio em cima da tarimba. Fez tudo sem um suspiro ou um arquejo, tornando-o ainda mais súcubo com o seu mutismo, ainda mais escravo, depois voltou a vestir-se tranquilamente e foi-se embora sem se despedir.

A coisa repetiu-se duas vezes, depois ele deixou de ter vontade. Quando certas noites ela o olhava com ar de quem espera, o médico limitava-se a dar-lhe o dinheiro. Depois também ela deixou de o olhar daquela maneira, pois o médico dava-lhe todo o dinheiro que ganhava no hospital, retirando o que tinha de pagar à mulher como pensão alimentar. Na casa do canal ele e a mãe tinham-se tornado como marido e mulher, diz ele, tirando a variante de não dormirem juntos e de nunca se falarem. Ele continuava a dormir na tarimba na fábrica em ruínas e obedecia a todas as ordens que recebia da mãe vestida de preto. Agora a gigante parecia tratá-lo como a um pai ou a um tio e embora nunca falasse com ele deixara de bufar quando ele estava por perto. Ele porém tinha medo de ficar parado a olhar

para ela, como gostaria, a estudar aquela indolência sem desejos, porque a mãe haveria de espetar nele os seus olhos duros que o deixavam logo confuso. De qualquer modo tinha já compreendido o seu destino, já não precisava de ir consultar a Sibila.

Naqueles campos não há consolações, não há nada a esperar. Do seu bunker poderiam ver-se as estrelas e talvez também as luzes das casas pela montanha se as janelas não tivessem sido tapadas com plásticos. Naquele hangar enorme cheio de escombros, com cinzas espalhadas e uma fogueira acesa no chão, ouvem-se os gritos de uma ave nocturna no silêncio da noite. Estamos na noite de Inverno em que o amigo dele o foi lá buscar e o encontrou febril. Sentados à fogueira os dois homens projectam sombras que tremulam juntamente com as chamas devido às correntes de ar vindas de baixo. Naquela pouca luz, o médico, vestido com roupas gastas, parece um velho barbudo macilento. No hospital já só continua graças à bondade do director clínico enfatuado, como o amigo do médico sabe. O médico acabou de escrever o relato de toda esta história e quer que o amigo o leia ali, junto à fogueira. Então o outro põe-se a ler sentado numa caixa de fruta, enquanto lá fora cai a neve e o médico treme de febre, com a perna esquerda a doer-lhe com o reumatismo. Ainda não há muito a gigante mandou a mãe chamá-lo, porque não se sente bem. Mas o médico quer ficar no hangar junto à fogueira, até o amigo acabar de ler o relato e por isso mandou embora a mulher vestida de preto com dois berros de histérico.

Está frio, o lume não aquece. Enquanto o amigo lê o relato, o médico revê aqueles homens no molhe, ope-

rários, grevistas, vagabundos, não sabe, que naquela manhã estavam ali, recortados contra o céu, contra as nuvens, contra as vagas do mar que se erguem em ondas altíssimas. O amigo não compreende de que é que ele está a falar. Talvez esteja a falar de alguma coisa que viu na televisão, quando à noite vai aquecer-se um pouco a casa das duas mulheres. O médico diz que eles ainda devem estar lá no molhe no meio das ondas, à espera. “À espera de quê?” Não responde. Diz que já não há lugar no mundo para gente como ele, para aquilo que pensava ser ele, para aquilo que ele pensava. E acrescenta: “Pensávamos estar acima de tudo, mas somos como os outros, como os animais, como os pássaros, como as vacas numa mangedoura”. E o amigo dele repara que também estas palavras parecem saídas de uma televisão, não são vozes de terra.

Agora não há mais do que o frio do Inverno, que o nosso médico sente ainda mais porque come pouco e está sempre a espirrar, ali fechado naquele hangar de cimento. A tarimba é um montão de lençóis sujos e amarrotados, a única manta que existe tem-na pelas costas. A mãe traz-lhe todos os dias alguma coisa para comer, mas pouco, só um prato de sopa, um pouco de pão com alguma coisa. E quanto menos comer mais frio terá, como se compreende, enquanto ali as ondas se erguem contra o quebra-mar e a fúria do mar continua por todo o litoral, dizem as notícias da rádio desde há alguns dias. Uma parte do litoral foi invadida pelas águas, mas agora toda a costa está dominada pelo mar, diz o médico, trinta ou quarenta quilómetros são um puro deserto sem abrigo.

O amigo acabou de ler o relato. O médico diz que não quer ouvir comentários, odeia comentários. Mas

gostaria que o relato fosse publicado, porque então alguém o poderia ler e escrever-lhe para lhe dar a pista certa, caso a famosa Milena seja realmente uma pessoa viva e não apenas uma ideia fixa do seu espírito. Espera ainda vir a conseguir saber se a mulher de voz decidida que o tinha fascinado é a gigante indolente ou uma outra pessoa ou mesmo uma quimera. Mas para compreender tudo isso é preciso muito tempo, diz o médico, o tempo de se deixar andar e de se perder por completo e o tempo de subir de novo a encosta em busca de outra coisa. Sim, e é preciso saber seguir em frente sem nenhuma meta, sem nenhum desejo que nos leve sempre atrás de novas quimeras. É este o sentido do destino, segundo ele. Nesta altura acrescenta: “Estou tão fraco que já não posso decidir nada”.

Pela manhã, o amigo leva-o de carro de volta a casa, envolto numa manta, pálido como um morto, com estremecimentos de febre tão fortes que o abanam todo. Chovem gotas enormes, tudo é cinzento na paisagem. Naqueles campos quando chove muito os terrenos ribeirinhos ficam imediatamente alagados e então vêem-se em volta pessoas de guarda-chuva a pescar nos canais que se cruzam no meio dos campos. Vêem-se bicicletas, alguns raros carros que desaparecem no nevoeiro e casas quinteiras a despontar de uma bruma cinzenta. Toda aquela escuridão e aquele cinzento da bruma sobre os canais parece um encantamento, onde as pessoas vivem protegidas dos clamores do mundo. Mas pode também produzir delírios melancólicos, ou outros delírios que é inútil definir. Talvez tenha sido essa atmosfera a influenciar o nosso médico, bloqueando-o

na fábrica de cimento abandonada, no meio das ervas daninhas que invadiram todo o terreno circundante, por trás do casebre junto ao canal onde moram as duas mulheres. Quando saiu de casa era o fim da Primavera, agora estamos no Inverno. Nevou durante a noite, no seu bunker gelava-se mesmo junto à fogueira.

O médico acorda quando chegam ao litoral. Treme, depois endireita-se na cadeira: "Olha, olha!" Aponta para os homens no molhe junto ao quebra-mar, enquanto as vagas se erguem acima deles, altas e brancas. Também o amigo os vê. À distância parecem refugiados, talvez desempregados, talvez só vagabundos desocupados. Todo o mar em fundo é plúmbeo, tirando as ondas brancas e espumejantes contra o quebra-mar. Vê-se o molhe comprido como uma fita que entra pelo meio do mar, pelo meio da fúria das ondas, e ali alinhados em fila aqueles homens. De longe têm ar de pessoas mal vestidas, com guarda-chuvas, lonas na cabeça, jornais na cabeça, ou envoltos nos impermeáveis, de mãos nos bolsos, mas calmos, imóveis, indistintos. Não se percebe o que estão a fazer, ali reunidos no meio da borrasca. Parece que esperam o fim de tudo, pacientemente, sem se moverem, no meio dos salpicos das ondas, expostos à tempestade que não pára de se enfurecer.

O médico tosse, deve ter uma pneumonia, além de todos os outros males e achaques. O amigo terá de levar ao hospital, onde ficará entregue aos seus colegas com o delírio de novos ricos. É esta a melhor solução, diz o amigo, porque o médico ficará muito mal com aquela gente. Mas eu não sei o que será melhor, talvez seja um erro como tantos outros, como as outras qui-

meras que se perseguem. A rádio, que o amigo acaba de acender, anuncia marés fortíssimas ao longo da costa. Ouve-se o vento uivar com força, abanando os postes dos candeeiros, enquanto se espera um furacão vindo do oceano ou sabe-se lá de onde, pouco importa. Em volta é como um deserto, mas um deserto cinzento de asfalto, entre o desfilar de chalés de férias, hotéis de férias, lojas para veraneantes, instalações balneares e lugares públicos apenas frequentados no Verão. Dá a impressão de um planeta desabitado, com tabuletas de lojas que nos vêm passar, sacudidas pelo vento. Na rádio ouve-se uma voz, que parece a última voz da terra, transmitindo avisos aos navegantes.

Todos os contos publicados na revista *Ficções* têm direitos de autor, da revista ou dos próprios autores. Estes contos apenas podem ser usados com autorização expressa da revista ou dos autores, e de acordo com a legislação geral sobre direitos de autor.

Foram feitos os esforços para localizar todos os titulares de direitos ainda em vigor. *Ficções* agradece as informações que lhe sejam enviadas sobre eventuais omissões ou erros, que serão corrigidos num próximo número da revista.

Os filhos madraços©wylieagency; A mulher adúltera©Jean&Catherine Camus; Os rapazes©Ethan Coen; Notícias aos navegantes©Gianni Celati

FICÇÕES nº 1 (1º semestre de 2000)

Edgar Allan Poe | Machado de Assis | Anton Tchekov | Italo Svevo | Paul Auster | Agustina Bessa-Luís | Jaime Rocha | Fernanda Cachão | Pedro Mexia

FICÇÕES nº 2 (2º semestre de 2000)

Denis Diderot | Horace Walpole | Franz Kafka | Vladímír Nabókov | Maria Velho da Costa | Teresa Veiga | Isabel Boavida | Cláudia Clemente

FICÇÕES nº 3 (1º semestre de 2001)

Guy de Maupassant | Herman Melville | S. Y. Agnon | Dino Buzatti | Mário de Carvalho | José Eduardo Agualusa | Mendes A. | José Luís Peixoto

FICÇÕES de férias (Julho de 2001)

Anton Tchekov | M. Teixeira Gomes | Ernest Hemingway | Vladímír Nabókov | Flannery O'Connor | John Cheever | Julio Cortázar | Clarice Lispector | John Updike | David Lodge

FICÇÕES nº 4 (2º semestre de 2001)

Ambrose Bierce | Henry James | Gertrude Stein | Marcel Aymé | Margaret Atwood | Armando Silva Carvalho | Hélia Correia | Tiago Salazar

FICÇÕES nº 5 (1º semestre de 2002)

Heinrich von Kleist | Tommaso Landolfi | Jorge de Sena | Susan Sontag | Hans Dekkers | José Mourão | Brigitte Martinez |

FICÇÕES de comer (Julho de 2002)

Marcel Schwob | O. Henry | M. Teixeira Gomes | Robert Walser | Heinrich Böll | William Maxwell | José Cardoso Pires | Dino Buzzati | Woody Allen | Graham Greene | István Örkény | Patricia Highsmith | Andre Dubus | Kazuo Ishiguro

FICÇÕES nº 6 (2º semestre de 2002)

Voltaire | Conde de Ficalho | Edith Wharton | Franz Kafka | Vladímír Nabókov | Natalia Ginzburg | Kóstas Takhtzís | Giuseppe Pontiggia | Mary Lydon

FICÇÕES de humor (Abril de 2003)

Boccaccio | Marquês de Sade | Fiódor Dostoievski | O. Henry | Jerome K. Jerome | Saki | P. G. Wodehouse | Enrique Jardiel Poncela | Ring Lardner | Dezsó Kosztolányi | James Thurber | Boris Vian | Mario Benedetti | Woody Allen | Raymond Queneau | Alexandre O'Neill

FICÇÕES nº 7 (1º semestre de 2003)

Guy de Maupassant | Katherine Mansfield | Robert Musil | Georges Perec | Maria Ondina Braga | André Ricardo Aguiar

FICÇÕES de bichos (Julho de 2003)

Machado de Assis | Aquilino Ribeiro | Virginia Woolf | Graciliano Ramos | Carlos de Oliveira | Bernard Malamud | Jorge de Sena | Ingeborg Bachmann | Agustina Bessa-Luís | Panos Karnezis | Maria Velho da Costa

FICÇÕES nº 8 (2º semestre de 2003)

Ramalho Ortigão | Villiers de L'Isle-Adam | Elisabeth Bishop | Ray Bradbury | Doris Lessing | Augusto Abelaira | José Rodrigues Miguéis

FICÇÕES nº 9 (1º semestre de 2004)

Prosper Mérimée | Leopold von Sacher-Masoch | Júlio Dantas | Cesare Pavese | Hannes Pétursson | Fernando Sorrentino | Robert Coover | Óscar de Sá | Artur Manuel Pires

FICÇÕES de guerra (Julho de 2004)

Alexandre Herculano | Villiers de L'Isle-Adam | Rudyard Kipling | William Carlos Williams | Andrei Platónov | Graham Greene | José Martins Garcia | Giuseppe Pontiggia

FICÇÕES nº 10 (2º semestre de 2004)

Guy de Maupassant | H. G. Wells | Zhang Tiany | Jane Bowles | E. M. Forster | John Updike | Ingo Schulze

A *Ficções* inclui nesta sua décima primeira edição seis contos sobre as misteriosas verdades do amor. Logo no início, André Gide ficciona sobre a parábola bíblica do Filho Pródigo em *O regresso do filho pródigo*, um texto de solenidade íntima e natureza quase teatral, constituído por sucessivos diálogos. Publicado pela primeira vez na recém-fundada *Nouvelle Revue Française* em Fevereiro de 1912, o texto revela um Gide ainda ligado ao simbolismo e tematiza uma das contradições maiores de toda a sua obra, o conflito entre o conservadorismo e o hedonismo. A tradução é de Helena Faria. Maria Cristina Fernandes da Silva dá-nos, directamente do polaco, um delírio de perseguição assinado pelo grande romancista de *Ferdydurke* e de *Pornografia*, Witold Gombrowicz. Deste não se diz nada em contracapa, para não estragar o efeito de surpresa. José Lima traduziu, por sua vez, *Os filhos madraços*, poderoso e lancinante conto de Italo Calvino, num ambiente rural que lembra Gogol e Dostoiévski em dieta minimalista. João Martins traduziu, também pela primeira vez em Portugal, o conto de Albert Camus, *A mulher adúltera*, uma viagem pelo deserto, que inclui uma das mais belas cenas de sexo cósmico de que se conhece relato. Ethan Coen, o cineasta e autor, com o irmão Joel, de guiões como *Fargo* e *Barton Fink*, assina como contista, em tradução de José Lima, *Os rapazes*, um texto suspeita-se que algo autobiográfico. Por fim, um dos contos mais notáveis do grande escritor italiano Gianni Celati, ele mesmo “descoberto” e encorajado por Italo Calvino. *Notícias aos Navegantes*, novamente em tradução de José Lima, foi publicado em 2001 na colecção *Cinema Naturale*, escrita ao longo de vinte anos de trabalho.

ISBN 972862519-7



9 789728 625191